

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - "USP"
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES - "ECA"

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO FUTEOLISTA
o caso do Estado de São Paulo

Walter Gama
Orientador: Waldenyr Caldas

Tese apresentada à Escola de
Comunicação e Artes - ECA
(Departamento de Ciências da
Comunicação) como requisito
parcial para obtenção do título
de doutor.

SÃO PAULO
1995

Tenho três capítulos importantes em minha vida. O primeiro é Deus; o segundo, minha família, onde incluo meus amigos; o terceiro, a bola. Esfera redonda que surgiu, pela primeira vez, em minha vida, quando confeccionava uma de meia velha. Depois a de tento, dada pelo meu pai (Benedito). Desde a de meia até a mais recente bola confeccionada com os mais altos padrões de tecnologia, nunca mais nos separamos desse instrumento de mil emoções, arrebatadora de paixões desenfreadas. A você dedico este trabalho, que só foi possível, porque você, BOLA, existe.

AGRADECIMENTOS

A Waldenyr Caldas, pela excepcional recepção e acolhida.

A Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), pela inteligência de sua segmentação acadêmica.

A mídia, escrita, falada e televisiva na figura de Fernanda Factori Viel de A Gazeta Esportiva e ao excepcional Brasil de Oliveira de O Estado de São Paulo.

A Valdir Barbanti, pela segurança e exigência dada no início de minha vida na pós-graduação.

Ao Prof. Mauro de Andrade pela excelente colaboração na revisão.

A todos aqueles, que direta ou indiretamente, participaram de minha formação acadêmica.

A três pessoas especiais, que sem eles este trabalho não seria possível: Afonso Antonio Machado, Glydison Egherto de Oliveira Ananias e Renato Molina.

Aos professores e professores doutores: José Maria de Camargo Barros, Luiz Alberto Lorenzetto, Ana Maria Pellegrini, José Maria Abdalla, Alfredo J. T. Montesso, Glauco Nunes Souto Ramos, Luis Claudio Marques, Adriano Souza Russo, João Carlos Traina, Eduardo Kokubun e Elisângela Venâncio.

A secretária de pós-graduação da ECA e CCA, pela paciência.

A minha família: Benedito Gama (in memorian), Ana D'Amo Gama (in memorian), Vardeci Gama (in memorian), José Traina (in memorian),

Maria Luísa, Luciano, Thiago, Daniel, Maria Carolina, Vanderlei e Ivete Fantucci pelo extraordinário incentivo.

A Profa. Sidnéia Gomes Freitas e Antonio Carlos Simões pelo encaminhamento e receptividade na ECA.

Ao amigos e colegas do Departamento de Educação Física da Unesp - Campus de Rio Claro.

A José Medalha, que sem ele esta vida acadêmica não teria acontecido.

Especialmente a todos aqueles que incentivaram para que este trabalho fosse concluído.

A arte de ensinar é um privilégio de poucos, pertencente àqueles que têm o dom de permitir a liberdade de criar e expressar-se. Por isto e por muito mais do fundo de minha alma, a você amigo e irmão de fé, WALDENYR, os meus mais respeitosos sentimentos de obrigado, consideração e amor.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	xii
LISTA DE FIGURAS	xvi
LISTA DE ANEXOS	xvii
APRESENTAÇÃO	1
1. INTRODUÇÃO	2
2. REVISÃO DA LITERATURA	6
2.1. Futebol	6
2.2. Futebol e sociedade	9
2.2.1. O futebol enquanto relevância social	11
2.2.2. O Estado tenta legitimar o futebol como aparelho ideológico	13
2.3. Futebol e cultura	17
2.4. Razão máxima do jogo de futebol: O JOGADOR	23
3. OBJETIVO	31
4. PRESSUPOSTOS BÁSICOS	32
5. LIMITAÇÃO DO ESTUDO	34
6. JUSTIFICATIVA	35
7. METODOLOGIA	37
7.1. Delimitação do estudo	37
7.1.1. Descrição da população	37
7.1.2. Amostra	38
7.3. Coleta de dados	39
7.4. Descrição do instrumento (questionário)	40

8. RESULTADOS.....	42
8.1. Resultados obtidos no questionário.....	42
8.2. Resultado das entrevistas.....	73
9. DISCUSSÃO	83
10. CONCLUSÃO	93
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXOS	108

RESUMO

título: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO FUTEOLISTA *o caso do Estado de São Paulo*

Este estudo teve como objetivo principal, investigar aspectos socioculturais da vida do jogador de futebol profissional da 1ª Divisão do Estado de São Paulo. No decorrer da investigação pretendeu-se levantar subsídios para melhor compreensão deste sujeito que utiliza do futebol como meio de profissão. Metodologicamente o assunto foi dividido em sua primeira parte, numa abordagem dialética do amplo contexto que é o futebol e das consequências que implica a sua execução. Com uma coleta de dados realizada num período de 5 (cinco) anos, através de um questionário composto de 34 perguntas, tendo um n=529 jogadores. Os dados coletados foram submetidos a uma análise descritiva que permite afirmar que, estes jogadores analisados são na maioria, de cor branca; têm, em média, 24 anos; residem com seus familiares, que são os grandes responsáveis pela segmentação de suas carreiras futebolísticas; exercem a profissão a mais de 5 anos; iniciaram nas categorias de base dos clubes em sua maioria; estão neste esporte por prazer; possuem nível de escolaridade de razoável para bom em relação à realidade da sociedade brasileira. Quanto ao nível salarial, os valores encontrados sofreram acréscimo quando comparados com os valores de 1989, subindo de 4,5 salários para 9,5 salários mínimos atualmente. As atividades desenvolvidas diariamente pelos sujeitos resumem-se em deslocamento de casa ao trabalho, concentrações, jogos e treinamentos o que sugere alta exigência física e psicológica. Conclui-se que esta profissão permitiu uma evolução social para aqueles que a praticam. A sociedade brasileira vem reconhecendo que esta profissão pode ser desenvolvida como qualquer outra.

Palavras Chaves: futebol, aspectos sociais, aspectos culturais, jogador de futebol.

APRESENTAÇÃO

A civilização moderna tem trazido aos olhos do conhecimento, certos fenômenos de difícil contextualização; indiscutivelmente, neste meio, um dos mais abrangentes é o futebol. A dimensão social que este esporte atingiu é inensurável, principalmente no Brasil, que até se auto-legitimou como sendo o país do futebol. Com raríssimas exceções tem-se observado nos meios acadêmicos que os trabalhos realizados são fundamentalmente de cunho bibliográfico, nos quais os autores se preocupam muito mais com uma visão de estética filosófica, do que com problemas da área sócio-cultural. Tudo indica que, com a emancipação democrática do povo brasileiro, principalmente com a evolução dos meios de comunicação, este fenômeno tenha interessado sobremaneira os meios acadêmicos. A dicotomia existente entre a academia e as causas populares tem sido quebrada, ao ponto de conseguirmos discutir e compreender alguns tópicos importantes do futebol enquanto fenômeno.

1. INTRODUÇÃO

Estamos prestes a virar o milênio e, indiscutivelmente, um dos fenômenos mais abrangentes é a prática desportiva. O ser humano em consequência de fatores às vezes inerentes até a sua própria vontade é levado a realizar atividades condizentes com sua preservação, quer no campo intelectual, como também no aspecto físico. Neste contexto, aparece o futebol que de uma forma ou de outra, "espectador/praticante", fixa, cada vez mais, sua participação na vida da maioria dos brasileiros.

Segundo GAMA (1990), o futebol no Brasil tem tido uma aceitação popular muito grande, a ponto de ser considerado parte de nossa cultura, tal sua capacidade de mobilização, perfazendo-se com isto uma diferenciação muito grande com relação aos outros esportes, na questão de aficionados. No país, o futebol é tão presente na vida de cada indivíduo, que é quase inerente à sua própria existência. O futebol é muito mais que um esporte, de forma distinta ocupa espaços imensuráveis na vida de todos (CALDAS, 1990).

O futebol não se restringe aos estádios, penetra nos locais mais diversos do cotidiano, nas ruas, nos bares, nas casas, isto talvez provocado pelo excesso de ocupação nos meios de comunicação. De uma forma ou de outra está sempre existindo um jogo em algum lugar. No

bate-papo do dia-a-dia, alguém sempre está dizendo alguma coisa em relação ao jogo, ou sobre a "cartolagem" (diretores e dirigentes dos clubes e federações), ou ao clube ou aos jogadores, enfim, uma boa conversa na maioria das vezes não prescinde do assunto futebol.

O futebol, de modo abrangente, reúne em seu bojo de conhecimento uma complexidade muito ampla nos fatores de seu próprio desenvolvimento. Se por um lado temos o lazer instituído em sua prática espontânea, por outro ângulo vamos nos defrontar com fatos peculiares que interferem no processo de sua perfeita execução. A sociedade, num primeiro momento, tem no futebol uma válvula de escape, pela qual suas emoções enquanto espetáculo são extrapoladas de diferentes formas, além disso, este esporte é usado por alguns segmentos da sociedade como meio de ascensão pessoal, encontramos aqui a cartolagem instituída. O Estado tenta veicular o futebol como um aparelho ideológico, no uso de suas intenções maculativas para desvio de problemas prementes do bem-estar comum. Enfim, o rico futebol torna-se um mecanismo forte para as mais diferentes segmentações no uso de objetivos não muito sérios. O sistema mercantilista, o transforma, de uma maneira prática, espontânea, de lazer e profissão, para uma indústria de cultura que lhe traga o maior número possível de vantagens (CALDAS, 1990).

O esquecimento do tema futebol pelos intelectuais ou a alienação acadêmica, por grande parte, de estudiosos permitiu que apenas os cronistas e literatos trabalhassem sobre este apaixonante assunto, usando-o muito mais no aproveitamento político do que tratando-o de forma técnica/científica o que permitiria um melhor desenvolvimento do seu amplo contexto científico, social, psíquico, cultural espetáculo/arte e principalmente enquanto do lado profissional.

Tem-se observado, através dos tempos, que apesar do futebol representar, a nível internacional e principalmente nacional, um fator preponderante para um grande número de pessoas, em termos científicos o mesmo não tem sido contemplado com estudos que possam vir a revelar o porquê deste fato. Sempre ficou a impressão de que o futebol carrega o estigma da impossibilidade teórica. Esta postura parece favorecer o monopólio da situação que mesmo sendo uma minoria que planeja utilizá-lo como instrumento de poder. Em pesquisa realizada pelo Ibope (1987), que tinha como objetivo levantar os cargos de maior representatividade no Estado de São Paulo, os resultados apontaram que o primeiro cargo era o de Governador do Estado, ficando em segundo lugar o de Presidente da Federação Paulista de Futebol. Isto indica o pouco interesse que a classe dominante tem em provocar situações que possam vir a melhorar o desenvolvimento a nível científico, técnico/prático do futebol brasileiro.

De acordo com os aspectos anteriormente colocados, acredita-se na importância e na urgência em conceituar fatores, nos quais o futebol está envolvido e com isto provocar uma discussão acadêmica que inter-relacione causas do uso do futebol enquanto fenômeno sócio cultural e especificamente profissão.

A partir do momento que temos consciência da representatividade do futebol enquanto fenômeno para a sociedade brasileira, estamos propondo estudar o elemento mais importante da prática de um jogo de futebol que é a figura do jogador. O modelo metodológico desta proposta se substancia na Sociologia, que enquanto estudo, busca o conhecimento objetivo das realidades sociais.

Propor uma discussão sobre o jogador de futebol profissional no Brasil, é de alguma forma conhecer como a mídia, que na sua tentativa de fabricar notícias diárias do mundo do futebol, vem esgotando o futebol e consequentemente o próprio jogador; por este aspecto, baseando em nosso estudo anterior - "Características Sociais do Jogador de Futebol da 1ª Divisão do Estado de São Paulo" (USP, 1990), propomos solidificar, através de uma metodologia simples e objetiva, levantamentos, de forma coerente, de informações pessoais sobre quem possa vir a ser esta figura tão propagada e questionada a nível de discussão, se o mesmo tem suporte psicológico/físico ou não, para exercer tão complexa profissão que é a de vir a ser um artista da bola, isto é, jogador de futebol profissional.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Futebol

Apesar da reconhecida importância que tem o futebol em nosso país, o mesmo carece de maior número de publicações a seu respeito. No entanto, procuramos fazer um levantamento bibliográfico com o tema futebol e que por ventura pudesse colaborar em nossa pesquisa e encontramos os seguintes trabalhos: Futebol: fenômeno lingüístico (OLIVEIRA, 1974); Efeitos do treinamento nas características de aptidão física de futebolista adolescentes e adultos (MATSUDO, 1978); O negro e o Futebol brasileiro (MOURA, 1973); Avaliação de índices de aptidão física em futebolistas durante uma temporada (MATSUDO, 1979); O Cartola e o Jornalista (FONSECA, 1987); Influência da política clubística no jornalismo de São Paulo (FONSECA, 1981); Comparação entre três métodos de ensino na aprendizagem de futebol em crianças com idade média de 10 (dez) anos (MESQUITA, 1981); Efeitos do treinamento de futebol sobre a PWC 170 em escolares (MATSUDO, 1981); A aerodinâmica do futebol (MOREIRA, 1982); Futebol: ideologia do poder

(RAMOS, 1984); Futebol: jogo de triângulo (IRAN, 1986); O treinador de futebol e o mercado de trabalho na cidade do Rio de Janeiro: uma abordagem dialética (AMARAL, 1986); Qualidades genéticas e específicas do jogador de futebol (ROCHA, 1987); O pontapé inicial (CALDAS, 1990). ERMÍRIO RODRIGUES (1990) citado por LOUZAS (1994) apresentou o seguinte levantamento sobre trabalhos no futebol: Olho na bola (FARIA, O. & PEDROSA, M.); Gol de Letra (PEDROSA, M.); Gigantes do Futebol Brasileiro (CASTRO, M. & MÁXIMO, J.); Futebol: a dança do diabo (SARNO, F.J.); O romance do futebol, O negro no futebol brasileiro e Viagem em torno de Pelé (FILHO, M.); A ideologia do Cordel: folhetos de cordel em torno do tema "O Brasil das Copas" (PROENÇA, I.C.); Nação Rubro-Negra (COUTINHO, E.); Coração Corinthiano (DIAFÉRIA, L.); Futebol: arte ou guerra? (GOLDGRUB, F.); Negro, Macumba e Futebol (ROSENFELD, A.); A linguagem popular do futebol (CAPINUSSU, J.M.); Dicionário da gíria brasileira (SILVA, E.C.); A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo (SOARES, E.); Todas as copas do mundo e Pelé, o Supercampeão (DUARTE, O.); A linguagem futebolística brasileira (RODRIGUES, E.).

A bibliografia sobre o assunto é relativamente pequena (RAMOS, 1984) e necessita de um número maior de pesquisas. As pressuposições ainda prevalecem. Axiomaticamente afirmaram que o futebol é um fenômeno cultural e gratuito, contudo, não se examinam as causas com profundidade. As conclusões são tiradas a partir do senso-comum e de modo superficial, ficando quase sempre na análise romântica de jornalistas ou outros aficcionados pelo futebol que não conseguem separar o racional do emocional. A todo momento está se fabricando um fato novo no futebol, isto permite, em tese, reflexos nem sempre

verdadeiros aos olhos da realidade, ocorrendo com isto um esvaziamento da percepção das condições materiais, sociais e históricas do processo futebol e de seu contexto.

Tem-se observado que de acordo com os interesses dos órgãos de manipulação de massa, a participação política e organização de classe são abafadas e exauridas em favor de quem exerce o poder. A bem da verdade, há de se ressaltar que na evolução do futebol, enquanto profissão no Brasil, segundo CALDAS (1990), o mesmo nunca serviu de mecanismo alienante do aspecto político para aqueles que tinham a intenção de usá-lo em benefício próprio. A nível teórico, o futebol é um esporte coletivo no qual o poder de participação é constante, tanto aquele que joga como para aquele a que assiste. Traz em seu contexto epistemológico uma possibilidade de integração efetiva, pois o espaço onde se joga, permite e necessita que haja uma evolução de uma pessoa ou mais na progressão de uma jogada. IRAN (1986) afirma que o futebol é um jogo de triângulo mutáveis que naturalmente vai se espalhando pelo campo de jogo.

De acordo com este raciocínio FREYRE (1974 apud LEVINE, 1982), já afirmava que o futebol não se desenvolveu em um esporte igual aos outros, tornou-se uma verdadeira instituição brasileira, isto foi possível de acordo com a sublimação de vários elementos irracionais de nossa própria formação social e cultural. Interessante salientar e contextualizar que a história da implantação do futebol no Brasil está extremamente ligada aos movimentos de classes. Num primeiro momento, ele é implantado pela classe dominante, num segundo momento pode ser usado de forma clara e objetiva para atender à manipulação exercida pela classe dominante sobre a classe operária no país. O fato que se tem de

registrar é que jamais se pensou naquele determinado momento em que o futebol, viria permitir certa mobilidade social a nível quantitativo de castas sociais, principalmente na história evolutiva social do negro no Brasil.

2.2. Futebol e sociedade

A sociedade de forma universal, vincula seus propósitos a interesses variados, que lhe permitem fazer o jogo de poder segundo suas conveniências. Através dos tempos, temos observado que o futebol tem sido usado de forma discriminativa, principalmente no Brasil, propondo à sociedade facilidades que permitam, cada vez mais, manipulações instrumentadoras de posições de comando no campo da ascensão social. Clara e notória é a tentativa e o aproveitamento da classe política no uso do futebol, um exemplo desta colocação é a tentativa que alguns membros da sociedade fazem, aproveitando-se do futebol, para se auto-afirmarem no contexto sócio/político.

SHIRTS (1982) afirmou que o futebol no Brasil começou na época elitista, neste momento foi dominado pelo conceito burguês de esporte. Segundo a visão deste autor o futebol usa "smoking", participa de reuniões belíssimas, e, fala bem o inglês. "Tinham acesso só à classe alta da sociedade brasileira", diz ele. A classe dominante, entendida enquanto classe empresarial, começava a ter dificuldades com o operariado. Estava se iniciando no Brasil os movimentos de classes. Os empresários brasileiros tentavam fazer do futebol um instrumento de alienação popularizando este esporte (CALDAS, 1990)

É bem verdade, que a origem do futebol no país sempre foi e será questionada, pois os poucos estudos sobre o assunto o colocam entre três

hipóteses: primeiro, foi introduzido por marinheiros ingleses; segundo, jogado por jesuítas e terceiro, trazido por Charles Miller que era filho de família rica que estudara na Inglaterra e trouxe para o Brasil a primeira bola de futebol e aparatos. A sociedade confirma a terceira hipótese, toma para si, tal iniciativa e auto determina-se como a introdutora do futebol no país "Tupiniquim". Neste momento, a classe dominante e empresários instituíram o futebol como um de seus símbolos na amplitude social de se auto-legitimarem como dona do poder.

Se analisarmos a trajetória histórica do futebol no Brasil, é muito raro encontrarmos dirigentes deste esporte que não pertençam a uma casta social, denominada alta (fato que gera questionamento, pois, na sociedade a que pertencemos torna-se difícil a definição de uma classe social). Há de se ressaltar também que o futebol, perante a sociedade brasileira, muitas vezes é usado como forma de lavagem de dinheiro ganho supostamente de maneira ilícita aparecem aqui os famosos contraventores do jogo do bicho, dirigindo nosso polêmico futebol.

FREYRE (1971) afirma que o futebol representa uma quebra aguda no comportamento tradicional da classe alta no Brasil, visto que a elite imperial não participava de jogos nem assistia a eles. O "football" abraçou-se em futebol quando o esporte integrou-se no sonho dos clubes brasileiros, os quais foram se solidificando, segundo um modelo dos clubes residentes das comunidades inglesas, alemãs, italianas e portuguesas. Neste particular é fácil identificar as cidadanias predominantes na história dos grandes clubes no futebol do Brasil. Exemplos: A.A. Portuguesa de Desportos, C.R. Vasco da Gama (portugueses), S.C. Corinthians Paulista (espanhóis), S.E. Palmeiras (italianos), São Paulo F.C. (ingleses), ficando os descendentes da

colonização alemã mais para os clubes do sul brasileiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Para LEVINE (1982) na junção entre a sociedade política, o futebol no Brasil sempre foi vinculado à mobilidade social e à auto-afirmação. Sua transição de jogo de uma elite urbana a uma instituição nacional comercializada, reflete nove décadas de relações raciais em mudança, a maturação do jornalismo popular e a criação de um vocabulário de simbolismo que rivaliza (se não excede) com a música e a religião popular, em termos de impacto nacional.

Na história da nossa sociedade e do nosso futebol são fatos marcantes as recentes comemorações de títulos conquistados pelos clubes. Exemplo: A conquista do Campeonato Brasileiro de 1991 pelo São Paulo F.C. que teve sua comemoração em uma das casas noturnas mais badaladas da cidade de São Paulo, o GALLERY. Interessante salientar que uma das mais importantes avenidas do Brasil, a Av. Paulista, em São Paulo, foi instiuida como marco de comemoração para todas as torcidas dos grandes clubes paulistas. Nesse momento, todas as classes sociais se unem, mostrando assim o poder de interação social que possui o futebol.

2.2.1. O futebol enquanto relevância social

Nada no mundo e, principalmente, no Brasil, tem tanta importância quanto o fenômeno futebol. Indiscutivelmente é a nível social, o maior acontecimento gerado no final do século XX.

TUBINO (1990) coloca que o futebol traz a fundo de conhecimento, pontos importantes que podem embasar e traduzir sua relevância social. Como Atividade Cultural, traz progresso. Por outro

lado, buscando-se a origem do esporte e do futebol, explica que ele está ligado ao associacionismo, que hoje no futebol profissional está esgotado, tornando-se o mesmo, neste, sentido um esporte de rendimento, um negócio movido pela lógica do mercantilismo. É preciso, pois, resgatar os seus valores éticos originais, dado que o futebol é uma possibilidade de grande intercâmbio sócio-cultural entre as nações, intercâmbio concretizado, por exemplo, na Copa do Mundo, onde se dá o encontro de tantos povos. Como Atividade Organizacional, o futebol funciona como um mecanismo de organização e o pressuposto é que, quanto mais organizada, tanto mais forte é a sociedade. Entretanto, para cumprir tal função, é preciso que haja uma legitimação do futebol, isto é, que ele corresponda a uma real aspiração da sociedade. Um dos componentes da crise do futebol brasileiro é justamente sua estrutura ilegítima, traduzida na forma anti-democrática com que os clubes, ligas, federações e confederações escolhem seus dirigentes e, como Atividade Profissional, no campo da industrialização e comercialização, o futebol, mais que os outros esportes, especializou-se nas diferentes áreas como: material esportivo, intercâmbio turístico (classe hoteleira, transporte) e principalmente no tocante ao aspecto da comunicação.

Seguindo o raciocínio deste autor, o futebol do ponto de vista teórico/acadêmico traz no seu conhecimento três abordagens: esporte-educação, praticado nas escolas envolvendo todas as faixas de estudantes; esporte-participação, praticado como livre opção em forma de lazer; esporte-rendimento, praticado de forma semiprofissional e profissional considerado alto nível. Ressalta o autor que na sua história evolutiva o futebol tem proporcionado momentos de discriminação, principalmente com a mulher. O futebol brasileiro, no seu amplo contexto de organização,

não evoluiu, porque ainda não houve interesse da classe dominante. Tem no seu comando um sistema feudal, pré-capitalista, quatro ou cinco pessoas têm o comando do futebol por regiões no país.

De acordo com estas colocações, entende-se que, se faz necessário o mais rápido possível, que os bancos acadêmicos se interessem pelas causas do futebol, só assim pelo conhecimento, o futebol estará calcado em propósitos positivos, a bem do seu próprio desenvolvimento.

2.2.2. O Estado tenta legitimar o futebol como aparelho ideológico

Em qualquer sistema existe a necessidade de se ter uma ideologia para sobreviver, uns mais, outros menos, dependendo do grau de exploração existente. RAMOS (1984) coloca que o burguês não possui uma consciência verdadeira do capitalismo, até para se eximir de culpa. Ele não pode admitir que a sua riqueza foi apropriada do trabalho alheio. Então escamoteia as relações de produção.

A ideologia inverte as relações entre as causas e os efeitos. Abstrai os fatos do seu contexto social e histórico. É uma visão distorcida, falsa da realidade. Isso não acontece por descuido, mas por objetivos bem específicos da classe dominante (CHAUI, 1980).

GUARESCHI (1983) disse que, na burguesia, a consciência é sempre falsa. Desde seu início, a história ideológica da burguesia não foi sendo uma resistência desesperada a toda procura e pesquisa da verdadeira natureza da sociedade, que essa burguesia criou e conseqüentemente foi sempre resistente à compreensão realista das situações de classe.

Segundo RAMOS (1984) a ideologia nasceu com a divisão do trabalho material e espiritual. Os intelectuais ficaram com a responsabilidade de produzir idéias, contudo, eles não trabalham, não possuem consciência de classe. Estão alheios às condições materiais existentes, com visões desvinculadas do real, por isso, elaboram teorias ideológicas.

Para GUARESCHI (1981) os aparelhos ideológicos são a família, escola, partidos políticos, o direito, os meios de comunicação e outros. Eles reproduzem as relações de produção capitalista. O que é feito de várias formas, por intermédio da manipulação do nacionalismo, liberalismo e entretenimento. Dentro desta visão, RAMOS (1984) contextualiza que o futebol é um aparelho ideológico do Estado. Reproduz as condições econômicas, políticas e sociais capitalista. Trabalha em silêncio, com pretensa neutralidade, o que significa comprometimento. Mistifica as relações de produção legitimando o capitalismo.

Dentro desta visão de ideologia no futebol, o Estado o usa para tentar legitimar o seu poder. GONÇALVES (1985) diz que a primeira intervenção do Estado no futebol brasileiro deu-se significativamente, por volta de 1915, quando greves operárias eclodiram no país. As massas trabalhadoras exigiam 8 (oito) horas de trabalho diário, melhores salários e condições de higiene nas fábricas. A esse respeito SANTOS (1981) colocou que: "A greve de 1917, que chegou a paralisar dezenas de milhares de operários, fez ver as autoridades e aos industriais que a cidade precisava de um esporte de massa. Como uma criança que se manda brincar para queimar as energias, os operários foram então, mandados a jogar futebol: os municípios isentaram os campos de futebol de impostos, os industriais se apressaram em construir "grounds"; a polícia parou de

reprimir os rachas de futebol em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol, foram suspensos."

Há de ressaltar que, neste momento histórico, a expansão da prática do futebol interessava ao Estado e aos industriais, paradoxalmente, desgostava as elites. Os "grã-finos" simplesmente se recusavam a disputar partidas com a molecada brasileira (GONÇALVES, 1985). Neste momento a classe política, descobre a força representativa do futebol. Segundo este autor, as relações do Estado com o futebol pode ser esquematizada em três épocas, claramente identificáveis; incentivo, na República Velha, a participação organizacional-burocrática no Estado Novo e a militarização no futebol a partir de 1969.

Nesta última etapa, o Estado não só se apossou do futebol com a máquina promocional do governo, com raro oportunismo e profissionalização, como também transformou praticamente 90 milhões de brasileiros em torcedores entusiasmados e fanáticos. Levou-os a colocar no segundo plano na condição de cidadãos com direitos e reivindicações inerentes e incômodas.

Segundo GAMA (1990) na literatura internacional, foi encontrado um interessante trabalho publicado por LEVER (1983), sobre o fenômeno "futebol no Brasil". A autora apresentou uma análise da relação do futebol com os aspectos sócio-econômicos da época chamada de "*milagre brasileiro*", década de 1970. LEVER afirma que o futebol no Brasil transcendia as disputas religiosas, raciais ou éticas que existiam nas grandes cidades, identificando os torcedores com suas localidades de convivência. Para a autora, no Brasil, o futebol é visto como um meio através do qual o país é capaz de expressar um nacionalismo crescente

sob o ponto de vista cultural, ou seja, um tipo de orgulho natural que ajuda a esconder complexos de inferioridade existentes nos países em desenvolvimento.

A estes aspectos FIGUEREDO (1978), através da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), da presidência da República, explorou, usou e abusou de temas populares como o futebol e o carnaval para se auto-legitimar, enquanto órgão de poder. Anteriormente, em 1970, ideologicamente, o Estado coloca o Presidente Medici como o torcedor número um do Brasil, obriga-o a frequentar os principais jogos, o País começa a viver a era da "Pátria de Chuteiras". A grande jogada ideológica se legitima com Brasil, ganhando o tri-campeonato de futebol do México. O Estado vive momentos de glória, o Presidente saúda os jogadores como heróis nacionais e manifesta-se à Nação da seguinte forma: "sinto uma profunda felicidade ao testemunhar a alegria do nosso povo nesta elevada forma de patriotismo, identifico esta vitória conquistada na fraternidade do esporte com a ascensão da fé em nossa luta pelo desenvolvimento nacional (LEVER, 1983)". Quando da volta de nossa seleção, do México, Brasília é a primeira parada obrigatória, o Presidente premia os jogadores com 18.500 dólares livres de impostos. Collor, presidente 1990, vai até a Itália, visita a concentração brasileira "in loco"; antes já havia batido bola com os jogadores nacionais no Brasil, prepara todo um clima para tirar proveito da provável conquista mundial. Não dá certo, perdemos a Copa. Mesmo assim, o S.C.Corinthians Paulista é campeão Nacional, aí ele convida a equipe e desce a rampa em Brasília junto com todos jogadores. Em outras oportunidades, se veste de atleta, participa de provas arriscadas, faz corridas em público, enfim, tenta solidificar sua imagem de um super-atleta.

LUSCHEN, citado por REILLY (1979), desenvolveu uma taxonomia para a diferenciação de esportes de acordo com a estratificação social na República Federal da Alemanha. O autor classificou os esportes em 3 grupos. No grupo 1, denominado de elite, aparecem como exemplos: o esqui, o tênis de campo. No grupo 2, denominado de classe média-alta, aparecem como exemplos: o remo e o hipismo. O grupo 3, denominado de classe média, aparecem como exemplos: foi considerado segundo a taxonomia de LUSCHEN, como os esportes dos homens comuns, sendo que neste grupo está incluído o futebol. A ação social que o futebol desenvolve em nosso meio é extraordinária em todos os segmentos de sua prática, que como expectador ou executante. BYNGTON (1982) afirma que o futebol produz na sua essência de arte uma igualdade entre as pessoas, ou seja, todos se tornam comuns quando de sua prática. Para REILLY (1979), isto ajuda a explicar a enorme atração popular que tem o futebol. LUSCHEN afirma também, que o público que assiste à maioria dos jogos de futebol na Europa, é predominantemente da classe jovem trabalhadora. Segundo REILLY (1979), o quadro mostrado no trabalho de LUSCHEN indica o intercâmbio das variações de ordem cultural sendo fluente e constante de acordo com as mudanças econômicas nacionais.

2.3. Futebol e cultura

Ao colocarmos a cultura em campo, seria importante frizarmos que as multiplicidades de conceitos apresentados são complexos, evidentemente cada ser humano tem um ponto de vista ou uma forma de contextualizar o que vem a ser uma atividade de cultura. Isto se dá em

razão do seu próprio cabedal cultural. Nos desportos, onde se vincula diretamente o futebol o processo também é semelhante. A esse respeito LYRA FILHO (1983) já afirmava que:

"os desportos enriquecem os homens com uma cultura que os acompanha ininterruptamente. Talvez isto ocorra por uma razão de suma importância, eles se dão ao trato simultâneo do extinto, do sentimento do espírito, tendendo ao sincronismo das respectivas facilidades Bertamo Russel foi quem primeiro me fez notar a existência em cada ser humano de três destinos que procuram atuar em harmonia; e do extinto, e do sentimento e o do espírito. O sincronismo com que deve funcionar esta trilogia, concede plenitude à personalidade de cada um de nós e permite ao desportista conservar sua vitalidade moral cultural".

Como qualquer outra atividade, o futebol implantado em nosso meio há quase cem anos, sofreu e continua sofrendo todo o tipo de influências devido as circunstâncias que muitas vezes são inerentes à sua vontade, isto no contexto de seu processo de desenvolvimento. Seria muito bom, para expressar esta verdade a afirmação de SEBE BOM MEIHY (1982) de que

"com certeza o futebol é uma das expressões do espírito do povo brasileiro. Pois entre os pontos de encontro característico da unidade nacional,

vulgarmente o futebol figura ao lado da musicalidade e das devoções religiosas com "slogans" taxativos de: o Brasil é a maior nação católica do mundo, o samba está no sangue do brasileiro ou este é o país do futebol".

Este mesmo autor revela que:

"o futebol sem ser apenas um instrumento de alienação ou mecanismo de poder, tem servido e muito para fantasias ideológicas, úteis a alguns grupos. Este mesmo futebol também não merece ser minimizado ao tropicalismo tropical, ao malandrismo, ao folclore exige um cuidado analítico que extrapole os limites da crônica ou das seguidas reelaborações dos pressupostos ideológicos de autores como Gilberto Freire, homens incapazes de bater um misero escanteio, como diria Nelson Rodrigues".

Estes aspectos do fenômeno futebol/cultura, aconteceu e continua acontecendo em função da dicotomia que sempre existiu por parte dos bancos acadêmicos com o tema futebol. SANTOS (1981) colocou que:

"o sintomático esquecimento para com as coisas do futebol, por um tipo de intelectual, ou à alienação acadêmica de gerações de estudiosos, permitiu por um lado que apenas os intelectuais ligados à prática

política falassem sobre o tema, e, por outro, apenas cronistas e literatos trabalhassem o assunto".

Talvez isto explique porque no país do futebol não exista ainda um número considerável de trabalhos científicos com abordagens em todos os segmentos que compõem o esporte futebol. Há tempos atrás foi marcante a participação dos intelectuais da área literária com relação aos assunto futebol, tanto por aqueles que eram favoráveis à sua prática como por aqueles que eram contrários. Alguns intelectuais como Oswald de Andrade, José Lins do Rego, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos e tantos outros, travaram célebres polêmicas a respeito do futebol.

BYNGTON (1982) afirmava que: "o futebol se caracterizou desde o início como um encontro de opostos, onde o conflito comunitário é admitido, exercido e subordinado a um fim pacífico". Esta visão psicológica do esporte/futebol em si, justifica em grande parte seu caráter alienante com relação à massa. Isto, a partir do momento em que as classes sociais sofrem inconscientemente uma equiparação, tanto no aspecto de praticante como na de expectador. Dentro de uma visão que podemos considerar simplista, as razões dão vazão a uma emoção de vibração comum. Todos se igualam. O próprio BYNGTON contextualizou que; "a evolução do futebol pode ser atribuída à autenticidade do inconsciente coletivo na transformação da cultura, da mesma forma que nossos costumes populares, mitos, crenças e religiões, obras de artes e outros". Este conceito teórico provoca em sua essência, talvez uma das razões da popularidade que desfruta o futebol em nosso meio. Para DAMATA (1982) a adesão popular ao futebol se dá ao ponto de permitir a expressão de uma série de problemas nacionais alternando percepção e

elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos. Isto talvez, explique em muito o gosto que tem o povo brasileiro pelo futebol, aliado ao aspecto histórico de sua prática, na qual favoreceu em muito a multidisciplinaridade de atividades, como bem colocou GOMES TUBINO no capítulo do esporte futebol enquanto relevância social.

Segundo um trabalho de LOUZAS (1994), o professor ERMÍRIO RODRIGUES coletou entre 1988 a 1990 os seguintes temas relacionados com o futebol:

ROMANCES

Informação ao crucificado, Carlos Heitor Cony; *Passagem dos inocentes*, Dalcídio Jurandir; *Água-Mãe*, José Lins do Rego; *O Trapicheiro*, Marques Rebelo.

CONTOS

Corinthians (2) vs. Palestra (1)", em *Brás, Bexiga e Barra Funda*, Antônio de Alcântara Machado. "O defunto inaugural", em *A morte da Porta-Estandarte e outras histórias*, Aníbal Monteiro Machado. "Herói", em *coisas do Reino de Jambom*, Lima Barreto. "De tarde e domingo", em *De tarde e domingo*, Dias da Costa. "Afinação da arte de chutar tampinhas", em *Malagueta, Perus e Bacanaço*, João Antônio. "O torcedor", em *Vidas Inquietas*, Paulo Coelho Neto. *Maracanã, Adeus*, Ediberto Coutinho.

CRÔNICAS

"Genialidade", em *Cadeira de Balanço*, Carlos Drummond de Andrade. "O clube", em *Homenzinho na Ventania*, Paulo Mendes Campos. "Assunto Sério", em *Aparências e Realidades*, Gilberto Amado. "Brasil-Argentina", em *Crônicas*, Mario de Andrade. "A Equipe", em *100 Crônicas Escolhidas*, Rubem Braga. *À Sombra das Chuteiras Imortais e A*

Pátria em Chuteiras, Nelson Rodrigues. Bola na Rede: a batalha do Bi, Stanislaw Ponte Preta. A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar, Armando Nogueira, Jô Soares e Roberto Mulyaert. O Sapo e a Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro, Mário Filho.

POESIAS

"Aos heróis do futebol brasileiro", em III Copa do Mundo, Gilka Machado. "Ademir da Guia", em Museu de tudo e depois, João Cabral de Mello Neto. "A Copa: vídeo-tape para Raymundo Nogueira", em Tábua das marés, Homero Homem, "Bungalow das rosas e dos pontapés", em Memórias Sentimentais de João Miramar, Oswald de Andrade. "A Bola de Meia", em Guia poético da cidade do Rio de Janeiro, Luís Paiva de Castro. "O anjo de pernas tortas", em Para viver um grande amor, Vinícius de Moraes. "Match de Foot-Ball", em Pontas de Cigarros, Apparício Torelly. "Maracanã", em O dia da IRA, Antônio Olinto. "O Salto", em Alma, Anna Amélia C. de Mendonça. "Aos atletas", em poesia completa e prosa, Carlos Drummond de Andrade.

PEÇAS TEATRAIS

A invasão, Dias Gomes. A falecida, Nelson Rodrigues. Chapetuba futebol clube, Oduvaldo Viana Filho.

FILMES

Passe livre, Oswaldo Caldeira. Doramundo, João Batista de Andrade. Garrincha, Alegria do povo, Joaquim Pedro de Andrade. Tostão, a Fera de ouro, Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite. O gol da Vitória, José Carlos Burle. Futebol em família, Rui Costa. Rio, 40 graus, Nelson Pereira dos Santos. O preço da vitória, Osvaldo Sampaio. O Rei Pelé, Carlos Hugo Christensen. O homem que roubou a

Taça do Mundo, Vitor Lima. Subterrâneos do futebol, Maurice Capovilla. "Uma vez Flamengo, sempre Flamengo", episódio de Como vai, vai hem?, Walquíria Salvá.

Enquanto abordagem dialética, e nesta o futebol enquanto fenômeno cultural, esbarra-se no contexto de sua própria representatividade. Em razão de sua formação, cada indivíduo apresenta uma maneira particular para tentar explicar o fenômeno futebol. A nível de Brasil, historicamente, ele tem propiciado as mais diferentes interpretações como cultura sem fim. Que seríamos nós, se não tivéssemos Garrincha, Didi, Sócrates, Pelé, Santos F.C., C.R. Flamengo, São Paulo F.C., tantos outros e o eterno S.C. Corinthians Paulista.

2.4. Razão máxima do jogo de futebol: O JOGADOR

A partir de nosso primeiro estudo em 1990, intitulado "Características sociais do jogador de futebol da 1ª Divisão do Estado de São Paulo", onde buscamos identificar o perfil social do jogador, iniciamos um processo teórico e metodológico para um melhor reconhecimento deste elemento que vem a se tornar um praticante do esporte futebol como profissão.

LOY, segundo REILLY (1979), investigou o status ocupacional dos atletas nos Estados Unidos, comprovando que os pais dos jogadores de futebol eram de classe sociais média-baixa. De 10 esportes examinados, o futebol teve a maior porcentagem de pais de jogadores que não completaram estudos secundários. A mobilidade social, indicada pela diferença entre a ocupação principal dos pais e o primeiro emprego dos jogadores, foi maior no futebol do que em qualquer outro esporte, exceto

nas modalidades esportivas de lutas. Para REILLY (1979), a nível de competência, a relação positiva entre os jogadores de futebol e a mobilidade social, ficou demonstrada.

SOHI (1987), investigando o status sócio-econômico dos atletas de elite da Nigéria, detectou que a participação no esporte pode ser dificultada pelo fato dos participantes não terem oportunidades para a mobilidade social, mas concluiu que a profissionalização dos atletas nigerianos lhe proporciona oportunidades de reconhecimento e obtenção de melhores empregos e altas gratificações financeiras. A pesquisa mostrou, na sua conclusão, que muitos atletas nigerianos de elite vêm de uma situação sócio-econômica baixa, e que as conquistas esportivas possibilitam certa ascensão social. Se nos propusermos a analisar este fator em nossa realidade, a probabilidade de encontrarmos os mesmos resultados torna-se muito grande. A questão que pode ser levantada é: será que todos jogadores de futebol profissional no Brasil consagrados são na sua maioria oriundos das classes sociais mais baixas?

McNEISH (1987) identificou que os jogadores de futebol da Escócia teriam fatores interpessoais que afetam no desenvolvimento de suas carreiras de jogadores de futebol profissional. Identificando como fator mais importante a postura do dirigente em relação a ele, jogador. Outros fatores, tais como, a forma com que o clube é dirigido, os acertos dos contratos e o contexto social onde o clube estaria inserido, como também fatores sócio-econômicos poderiam estar influenciando na carreira do jogador de futebol profissional daquele país. Em nosso país o fenômeno é idêntico, basta fazermos uma incursão na postura profissional de nossos principais clubes. Quando iniciamos este estudo, em 1989, o Estado de São Paulo possuía mais de 130 (cento e trinta) equipes de

futebol profissional, atualmente o número de equipes do Estado não passa de 70 (setenta). Fatores como o do desemprego torna-se verdadeiro, aliado aos outros fatores colocados pelo autor citado anteriormente, destacando o despreparo dos nossos dirigentes.

SEMYNOV (1986) verificou características sociais de jogadores de futebol de Israel, após o encerramento da carreira, em um estudo com os jogadores dos 16 melhores times da Liga profissional daquele país. Embora o objetivo do estudo estivesse diretamente relacionado com a mobilidade social desses jogadores, a estrutura sócio-econômica dos mesmos foi identificada. O autor concluiu que geralmente jogadores de futebol são provenientes de classe sócio-econômica baixa. Seus pais possuem ocupação de menor prestígio entre a população.

MAGUIRRE (1988) admite que o futebol na Inglaterra, ao longo dos anos, se constitui em um veículo de mobilidade social da maioria dos jovens das classes trabalhadoras. Nos últimos 20 anos tem ocorrido uma ascensão social de jogadores negros, juntamente com jovens trabalhadores brancos de origem mais humilde.

GAMA (1990) detectou que muitas considerações têm sido feitas a respeito do jogador de futebol, como também sobre o papel social que este indivíduo, enquanto profissional desempenha no contexto da sociedade.

Fica claro que um esporte como o futebol que consegue aglutinar, em um só momento, mais de 150.000 pessoas em um estádio e milhões pela televisão é um espetáculo sem precedente. A arte plástica se torna uma constante, na manutenção de uma prática de expectativa, são vinte e dois elementos, coadjuvados pela arbitragem, perseguindo uma pequena esfera de couro, com o seu momento máximo de êxtase: o gol. Aparece aqui a figura principal do *show*, o jogador.

No decorrer do desenvolvimento do futebol brasileiro, temos observado que o poder instituído pelos clubes (empregador) na relação do jogador (empregado) tem sido deprimente na sufragação do jogador enquanto ser humano, não se lhe tem permitido livre escolha, inclusive arbitrária, a própria constituição que tira a liberdade de livre escolha de emprego, a famigerada "Lei do Passe".

COOPER (1979), contanto com a organização de REILLY, reuniu inúmeros estudos na publicação: *"O que as pesquisas dizem aos Técnicos sobre o futebol"*. Esta obra constitui-se em importante fonte de informações sobre os diversos fatores que interferem no futebol, tais como: características físicas e psicológicas do jogador de futebol, necessidade da competição, aspectos do treinamento e fatores sociológicos e psicológicos do futebol.

REILLY (1979), investigando a origem social dos jogadores de futebol na Inglaterra, baseado em estudos feitos por DOUGLAS, identificou o jogador de futebol profissional como proveniente das camadas sociais mais baixas da população. Por outro lado, DAVIES (1979), pesquisando jogadores do clube profissional inglês TOTTENHAM HOPTUR, concluiu que os jogadores que foram analisados tiveram uma formação escolar oriunda de escolas secundárias modernas. Este aspecto, apesar de ainda não ser relevante, pode ser considerado como um progresso em nosso meio, se levarmos em consideração que 25% dos nossos sujeitos concluíram ou iniciaram estudos de nível superior.

Para REILLY (1979), uma carreira de sucesso no futebol, pode provocar uma ascensão do jogador em termos de mobilidade social, levando-se em conta, que esta mobilidade pode ser influenciada pela

motivação dos jogadores. Parece que os indivíduos da classe média têm maior incentivo e possibilidades em suas realizações do que os indivíduos das classes sociais mais baixas. Isto é ocasionado pelo fato de que os indivíduos da classe social mais baixa em relação aos da classe social mais alta têm menos requisitos sócio culturais, econômicos e psicológicos que contribuam à obtenção de sucesso na carreira de jogador de futebol profissional.

Como cada esporte tem sua própria conotação social, a orientação de indivíduos da classe trabalhadora para a prática do futebol pode ser usada como uma integração desses fatores. O futebol tem vantagens sobre outros esportes, já que a motivação e participação aparecem nos jovens trabalhadores, mesmo com pouca idade, necessitando-se de poucas despesas em sua prática e na aquisição dos requisitos básicos para a prática do jogo. Segundo REILLY (1979) o mesmo não tem acontecido em outros países da Europa.

GONÇALVES (1985) colocou que "as relações entre os jogadores e os clubes, no Brasil têm características diversas. No começo do século, os jogadores oriundos das classes altas tinham com o clube uma ligação exclusivamente de lazer, meio olímpica no sentido de que o importante era competir. No jogo e na prática daquele jogador não estava em questão a sobrevivência. Nos anos vinte, com o futebol efetivamente a caminho da popularização, imperava o chamado amadorismo marrom (CALDAS, 1990).

Os sócios mais ricos do clube se cotizavam para gratificar os craques do time. Mesmo com o profissionalismo, em 1933, este tratamento paternal orientava as relações jogador/dirigente. Talvez um elemento tenha ajudado a quebrar este estado de coisas: o rádio. Com a

ampla divulgação do futebol e a manipulação de fascínio que o esporte exercia sobre o grande público, formaram-se os primeiros ídolos de massa. Jogadores como Leonidas da Silva, cedo percebiam o alcance dos seus nomes e as possibilidades de explorar seus nomes como marcas comerciais, o famoso chocolate "Diamante Negro". Evidentemente, a aura de craque só valia para os poucos privilegiados. Ontem como hoje, a grande maioria permanece explorada pela máscara paternal dos cartolas. Os jogadores que se rebelam são punidos pelo sistema de governo, clubes e os próprios meios de comunicação. Nomes como Heleno de Freitas, Almir, Afonsinho, Paulo Cesar, Mané Garrincha, o eterno polêmico, e outros, foram marcados por suas atitudes fora de campo, que eram mais divulgadas do que as jogadas feitas por eles nos gramados do Brasil e do mundo. Para o futebol não interessa o craque esclarecido. Aquele que reclama, exige o cumprimento do contrato e preza os seus direitos trabalhistas é, invariavelmente, acusado de mercenário. São inúmeros os exemplos, mas o desfecho é um só, o jogador que ganha fama de criador de casos não leva a boa vida no futebol brasileiro. Para os cartolas, o craque ideal ainda é aquele que se sente honrado em vestir a camisa do clube, é dócil e chama o presidente do clube de doutor. Exemplos deste fato, foi a tentativa dos jogadores do S.C. Corinthians Paulista de estabelecerem a polêmica "democracia corinthiana". Apesar do bom momento que viveram, não conseguiram, apesar de campeões, impor tal conceituação de procedimento.

O ex-jogador Zico em 1990, enquanto Secretário Nacional de Desporto no Governo Collor, viabilizou um projeto de modernização do esporte no Brasil, que tinha como um dos pontos básicos adequar a "Lei do Passe", do jogador de futebol profissional no País. O projeto foi

aprovado com exceção de alguns itens que foram revogados, especificamente o que trata da transferência de jogadores. Atualmente, o Ministro Extraordinário dos Esportes Edson Arantes do Nascimento (Pelé), ex-jogador de futebol profissional está se mobilizando na tentativa de acabar com esta arbitrariedade constitucional o cidadão-jogador não tem liberdade de escolher seu local de prestação de serviço. Interessante registrar, neste contexto o fato da realção a "Lei do Passe", acontecido na Europa com o jogador belga, Jean-Marc Bosman que após 4 anos de disputa com o seu ex-club, o RC Liège da Bélgica, teve como ganho de causa junto a Corte Europeia de Justiça que declarou ilegal a limitação de europeus nas equipes da União Europeia (UE), e as indenizações pedidas pelas transferências de jogadores ao término de seus contratos profissionais. Esta determinação coloca basicamente um fim na Lei do Passe na Europa. Agora é uma questão de pouco tempo, para adequar esta problemática ao futebol profissional europeu, tendo a certeza de que o mesmo acontecerá em nosso país.

Discutir o futebol brasileiro, a nível acadêmico e especificamente no aspecto social de nosso jogador, torna-se complexo. Isto devido a uma série de fatores, inclusive a distância provocada pelos bancos acadêmicos com o tema futebol. Aos olhos do conhecimento prático, podemos detectar sinais que evidenciam uma ascensão social do jogador de futebol profissional brasileiro. Numa análise jornalística provocada por MÁRIO MAGALHÃES, repórter do jornal A Folha de São Paulo em 25 de Fevereiro de 1996 (p. 4-7), traz um levantamento interessante dos jogadores brasileiros que disputaram a classificação do Torneio Pré-Olimpico realizado na Argentina, onde o mesmo reafirma a ascensão precoce de nossos principais jogadores (Anexo E).

Outra mostragem interessante é a de FÁBIO ATMAN (1994) da Revista Veja, destacando com inteligência a evolução social dos jogadores através dos tempos.

Abismo entre gerações

Comparação entre campeões de 1958 e candidatos a campeões de 1994

JOGADOR	SALÁRIO*	ESCOLARIDADE	CONDIÇÃO SOCIAL
Gilmar	US\$ 28 000	2º grau Incompleto**	Família de classe média, o pai era funcionário público e a mãe, dona de casa
Taffarel	US\$ 230 000	2º grau	Família de classe média, o pai era representante comercial, a mãe, dona de casa
Bellini	US\$ 25 000	1º grau	Família de classe média baixa. O pai era agricultor e a mãe, dona de casa
Ricardo Gomes	US\$ 250 000	Superior Incompleto	Classe média baixa. O pai era sargento da Aeronáutica, e a mãe, dona de casa
Djalma Santos	US\$ 35 000	4º ano do 1º grau	Família de classe baixa. O pai abandonou a família e a mãe trabalhava como doméstica. Viviu em cortiços da Zona Norte de São Paulo
Jorginho	US\$ 1 000 000	1º grau	Ficou órfão de pai aos 10 anos, quando começou a trabalhar como faxineiro no prédio onde morava com a mãe e quatro irmãos na Zona Norte do Rio
Didi	US\$ 46 000	4º ano do 1º grau	Família de poucos recursos. O pai era motorista de caminhão e a mãe, operária têxtil
Rai	US\$ 650 000	Superior Incompleto	Família de classe média, o pai era fiscal da Receita Federal e a mãe, dona de casa
Garrincha	US\$ 56 000	4º ano do 1º grau	Família de classe baixa. O pai era operário têxtil e ele próprio já trabalhava aos 14 anos
Bobeto	US\$ 570 000	1º grau	Família de classe média, o pai era corretor de imóveis em Salvador, com renda insuficiente para criar sete filhos
Pelé	US\$ 61 000	4º ano do 1º grau**	Família de poucos recursos, em Três Corações e Bauru. O pai era jogador de futebol semiprofissional
Romário	US\$ 1 000 000	1º grau	Família de poucos recursos. Nasceu na favela do Jacarezinho e se criou no subúrbio carioca de Vila da Penha

*Salários mínimos com valores atualizados

**Gilmar e Pelé mais tarde continuaram os estudos e chegaram à faculdade de Direito e Educação Física respectivamente

Figura 1. Comparação entre campeões de 1958 e campeões de 1994 nos aspectos: salário, escolaridade e condição social (Retirado da revista VEJA, 1994).

Apesar da pouca produção literária com o tema futebol, e suas anuências, vamos encontrar na literatura nacional os dois livros que podemos considerar como clássicos do futebol: "O negro no futebol brasileiro" de MÁRIO FILHO (1964) e "Pontapé inicial" de WALDENYR CALDAS (1988).

3. OBJETIVO

Este estudo teve como objetivo, proceder uma abordagem sociológica do jogador de futebol profissional do Estado de São Paulo, obtendo informações, que possam vir a caracterizar o perfil do profissional, além de fornecer dados que envolvam o desenvolvimento pessoal do jogador de futebol no exercício de sua profissão. Verificar, dentro da complexidade que envolve a definição das classes sociais brasileiras, se o futebol tem permitido àqueles que o praticam uma mobilidade social.

4. PRESSUPOSTOS BÁSICOS

O nível de escolaridade dos pais e a profissão dos pais são indícios que favorecem a característica social e a origem do jogador de futebol profissional.

Apesar da grande influência dos meios de comunicação no comportamento humano, percebem-se que são vários os fatores que podem interferir na escolha da profissão do jogador de futebol, sendo o apoio familiar o grande incentivo.

Se considerarmos o nível de desenvolvimento do Estado de São Paulo no contexto nacional e o prestígio que tem seu futebol, isto em função de seu "status" adquirido: resultados no campo de jogo, média de rendas nos respectivos campeonatos e número de jogadores que praticam o futebol profissional na 1ª divisão no Estado de São Paulo, os jogadores alcançam uma ascensão social maior frente aos de outros estados brasileiros.

Em razão do prestígio e melhores condições estruturais e financeiras que os clubes considerados grandes oferecem, o jogador de clube pequeno está constantemente motivado à ascensão de sua carreira, procurando transferir-se para um clube considerado grande.

O pequeno número de clubes de futebol que possibilita uma ascensão social e o relativamente pequeno tempo efetivo do indivíduo como atleta, tem levado os jogadores de clubes pequenos e grandes a procurarem outras formas de aumentarem as suas rendas, ou seja, de "garantirem o futuro".

5. LIMITAÇÃO DO ESTUDO

Os estudos que utilizam como instrumento questionários, sofrem as limitações inerentes a esse tipo de instrumento. Embora no processo de construção dos questionários tenham sido levados em consideração as características dos sujeitos, algumas informações obtidas podem não corresponder a dados reais, em razão das dificuldades que os mesmos podem apresentar na interpretação das questões propostas.

Se os questionários, por si só, já apresentam problemas, o seu preenchimento pode sofrer as influências de alguém que faz algo sem interesse.

6. JUSTIFICATIVA

O significativo desenvolvimento do futebol no mundo e, em particular, no Brasil, tanto do ponto de vista de praticantes como de torcedores, justifica a necessidade de se levantar dados esclarecedores referentes à figura do jogador profissional de futebol. Segundo SHIRTS (1982), embora o futebol tenha um lugar de destaque na sociedade brasileira, a produção intelectual sobre o assunto, num sentido mais rigoroso da palavra, resume-se a um pequeno número de publicações, quase sempre, sem evidência científica.

As afirmações, na maioria das vezes, são ditas e escritas por agentes dos meios de comunicação, sendo que carecem de fundamentação mais sólida (RAMOS, 1984). Assim, o mais popular desporto do Brasil, apesar de sua reconhecida importância, como parte do contexto sócio-econômico e cultural dos brasileiros, não tem recebido atenção necessária por parte dos pesquisadores. Principalmente o jogador de futebol não tem sido foco de estudos que possam vir a contribuir para um melhor desenvolvimento em sua carreira profissional. Em estudo realizado em 1989, foi verificado que 20% dos jogadores de futebol tinham uma formação escolar de nível apenas de 1º grau (completo ou incompleto) e

que a sua renda mensal era de 4,5 salários mínimos, portanto, fatores como esses são preocupantes e necessários de acompanhamento com o decorrer dos anos, para o melhor desenvolvimento da profissão.

Os resultados obtidos com este estudo poderão ser utilizados de forma clara e científica, provocando com isto uma melhor compreensão deste fenômeno. Tendo em vista estas justificativas, o estudo em questão, tem como proposta, facilitar o entendimento social da figura do jogador de futebol profissional da 1ª Divisão do Estado de São Paulo, além de verificar a evolução do perfil social desse sujeito através da comparação dos resultados obtidos em 1989, e assim, fornecer elementos para futuros estudos específicos na área do futebol brasileiro.

7. METODOLOGIA

7.1. Delimitação do estudo

7.1.1. Descrição da população

Participaram do estudo apenas jogadores profissionais de futebol, com o registro em carteira de trabalho, pertencentes a clubes da primeira divisão de futebol profissional filiados a Federação Paulista de Futebol do Estado de São Paulo.

Em uma equipe de futebol não existe um número máximo e mínimo de jogadores para formar um grupo, na linguagem do futebol, chamado de plantel. O plantel de muitos clubes está em torno de 30 jogadores que participam de treinamentos e do grupo, sendo utilizados em competições durante uma temporada de 15 a 25 jogadores, variando de acordo com a própria estrutura do clube e, até mesmo, o desempenho técnico da equipe durante os campeonatos em que participam.

Não se pretende generalizar para outras regiões do Brasil os resultados encontrados. Reportaremos-nos apenas aos aspectos definidos nos objetivos deste estudo.

7.1.2. Amostra

Com o objetivo de se obter uma amostra representativa, foi realizada coleta de no mínimo 12 jogadores de cada clube, considerando apenas como sujeitos, os jogadores registrados em carteira profissional própria expedida pela Confederação Brasileira de Futebol (C.B.F.).

Os jogadores escolhidos pertenciam aos seguintes clubes (com suas respectivas cidades) filiados a Federação Paulista de Futebol (F.P.F.):

1. SANTOS F.C.	SANTOS
2. SÃO PAULO F.C;	SÃO PAULO
3. S.E. PALMEIRAS	SÃO PAULO
4. A.A. PORTUGUESA DE DESPORTOS	SÃO PAULO
5. S.C. CORINTHIANS PAULISTA	SÃO PAULO
6. E.C. SÃO JOSÉ	S.J. DOS CAMPOS
7. GUARANI F.C.	CAMPINAS
8. UNIÃO SÃO JOÃO	ARARAS
9. A.A. FERROVIÁRIA ESPORTES	ARARAQUARA
10. E.C. XV DE NOVEMBRO	PIRACICABA
11. E.C. NOVO HORIZONTE	NOVO HORIZONTE
12. C.A. JUVENTUS	SÃO PAULO
13. C.A. BRAGANTINO	BRAGANÇA PAULISTA
14. E.C. RIO BRANCO	AMERICANA
15. A.A. PONTE PRETA	CAMPINAS
16. G.E. SÃO CARLENSE	SÃO CARLOS
17. MARÍLIA A.C.	MARÍLIA
18. OLÍMPIA F.C.	OLÍMPIA
19. ITUANO	ITU
20. A.A. INTERNACIONAL	LIMEIRA
21. G.E. CATANDUVENSE	CATANDUVA
22. E.C. XV DE NOVEMBRO	JAÚ
23. E.C. SANTO ANDRÉ	SANTO ANDRÉ
24. E.C. SÃO BENTO	SOROCABA

Os sujeitos entrevistados foram escolhidos segundo suas disponibilidades nos clubes no momento da aplicação do questionário.

7.3. Coleta de dados

Os dados foram coletados utilizando-se de um questionário (Anexo B), com os seguintes procedimentos.

a) Contato verbal com os dirigentes, com o objetivo de obter autorização para aplicação dos questionários;

b) Esclarecimentos aos jogadores do objetivo do estudo, sendo a aplicação do questionário realizada nas dependências dos clubes, como também, em situação de concentração.

O tempo médio gasto pelos jogadores para preenchimento do questionário foi de 15 minutos.

Os questionários foram aplicados e coletados pelo próprio investigador, e no caso de impossibilidade, foi designada pessoa de absoluta confiança, previamente orientada para responder qualquer dúvida que os jogadores pudessem ter no momento de fornecerem as respostas às questões formuladas.

A coleta de dados foi realizada em em três diferentes momentos, sendo eles em 1989, 1993 e 1994.

Com o objetivo de se obter dados complementares aos questionários foram realizadas entrevistas com personalidades ligadas ao futebol tentando detectar a opinião dessas pessoas em relação à participação do trabalho científico no futebol e a evolução social do jogador de futebol profissional. Essas entrevistas foram constituídas de 4 perguntas abertas (anexo D), sendo as respostas gravadas e transcritas literalmente.

7.4. Descrição do instrumento (questionário)

O instrumento utilizado para coleta de dados constituiu de um questionário composto de 34 perguntas fechadas (anexo B). O primeiro bloco de perguntas constou de dados pessoais: idade, estado civil, cor da pele e residência, tendo como objetivo caracterizar o nível pessoal dos jogadores. No segundo bloco de perguntas, as questões foram sobre o tempo de participação como jogador amador e profissional: onde ele iniciou a carreira de futebolista e teve como objetivo situar o jogador de futebol enquanto praticante da modalidade. No terceiro bloco de perguntas, as questões foram sobre o nível de escolaridade do jogador, do pai, da mãe, profissão do pai, da mãe e teve como objetivo caracterizar o nível social familiar do jogador. No quarto bloco de perguntas, as questões foram sobre influências que o sujeito sofreu para seguir a carreira de jogador de futebol profissional, sua perspectiva futura de vida, tendo como objetivo detectar a predominância de influência que faz com que um jovem siga essa profissão. No quinto bloco de perguntas, foram questionados se o jogador teria outras atividades paralelas, se gostaria de outra atividade profissional paralela, seu nível de renda e que importância dá à sua própria formação escolar, tendo como objetivo esclarecer ou dar subsídios sobre como o jogador vê sua profissão no contexto social.

De acordo com os objetivos propostos nesse estudo, tomaram-se os seguintes procedimentos para a elaboração do referido questionário:

- Inicialmente baseado na experiência pessoal de ex-jogador, preparador físico, técnico e supervisor de clube de futebol profissional, foi

elaborado um questionário contendo 60 perguntas, sendo 4 perguntas com respostas abertas e 56 com respostas fechadas.

- Aplicou-se o questionário em dois clubes de futebol profissional da 1ª Divisão do estado de São Paulo - C.A. Bragantino e Guarani F.C. Após discussão e análise das respostas dadas pelos sujeitos, juntamente com um especialista da área da sociologia, houve a necessidade de uma seleção das questões, sendo elaborado um outro questionário.

Com base nos resultados obtidos no primeiro questionário, o segundo questionário conteve 38 perguntas, sendo 1 aberta e 37 fechadas. Aplicou-se o questionário em jogadores de um outro clube (E.C. Mogi Mirim). Tomaram-se os mesmos procedimentos quando da aplicação do primeiro questionário.

Posteriormente à aplicação dos dois questionários, concluiu-se que o mesmo deveria ser o mais objetivo possível, ficando o modelo final com 34 questões fechadas, tendo a preocupação de adotar uma forma que não viesse a inibir ou interferir nas respostas.

Foi utilizada a codificação do nível ocupacional do pai e da mãe de uma tabela desenvolvida por PELLEGRINI et alii (1987), a partir da lista de ocupações modificada do manual da UNESP, categorizado de HUTCHINSON e CASTADI (1960), versão modificada por GOUVEIA e HAVIGHURST (1969).

Os resultados obtidos foram apresentados em forma absoluta, sendo também realizado o cálculo relativo através da porcentagem.

8. RESULTADOS

8.1. Resultados obtidos no questionário

De acordo com os objetivos deste estudo, que foi buscar o maior número possível de informações sobre a principal figura de um jogo de futebol - o jogador - os resultados obtidos serão apresentados na ordem em que as questões foram respondidas.

Na tabela 01 são apresentados os dados referentes à idade cronológica dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo. A média encontrada foi de 24 anos, o que pode ser considerada normal em função da correlação com o tempo de profissionalização que é de menos que 5(cinco) anos.

Tabela 01. Média de idade e número (TOTAL) de jogadores de futebol profissional analisados durante os anos de 1989, 1993 e 1994.

ANO	1989	1993	1994	TOTAL
MÉDIA DE IDADE	24,42	24,27	24,00	
TOTAL	230	169	130	529

Os dados referentes ao Estado Civil dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo são apresentados na tabela 02.

Tabela 02. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função do Estado Civil

ESTADO CIVIL/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
SOLTEIROS	120 (52,17%)	89 (52,66%)	62 (47,69%)	271 (51,22%)
CASADOS	107 (46,52%)	77 (45,56%)	66 (50,76%)	250 (47,26%)
OUTROS	03 (1,30%)	03 (1,78%)	02 (1,53%)	08 (1,5%)
TOTAL	230	169	130	529

Na tabela 03 os dados apresentados são referentes ao fator cor da pele dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo. A pesquisa demonstrou existir uma predominância de cor branca (58%).

Tabela 03. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função da cor da pele.

COR DA PELE/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
BRANCO	134 (58,26%)	86 (50,88%)	68 (52,30%)	288 (54,44%)
MULATO	48 (20,87%)	42 (24,85%)	36 (27,69%)	126 (23,81%)
NEGRO	35 (19,57%)	38 (22,48%)	24 (18,46%)	97 (18,33%)
AMARELO	01(0,43%)	03 (1,77%)	01 (1,53%)	06 (1,13%)
TOTAL	218	169	130	529

Na questão que trata da média de salário mensal dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo analisados neste estudo, os dados são apresentados na tabela 04. Os resultados demonstraram que houve progressivamente um aumento no valor relativo dos salários, saindo de 4,5 mínimos em 1989, para 6 salários em 93, fechando este ciclo de pesquisa em 94 com 9,5 salários mínimos. É bem verdade que este fato teria que ser muito bem trabalhado em função da seriedade das respostas por parte dos jogadores pesquisados, como também, a computação dos valores por eles recebidos na questão das luvas (dinheiro recebido quando da assinatura do contrato) e dos prêmios (bichos) que eles recebem quando ganham ou empatam os jogos.

Tabela 04. Média mensal de salários mínimos dos jogadores de futebol profissional.

NÍVEL SALARIAL/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
Nº DE SALÁRIOS-MÍNIMOS	4,5	6	9,5	
TOTAL	230	169	130	529

Os resultados da questão sobre a quanto tempo os jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo praticam o ato de jogar futebol, são demonstrados na tabela 05. O tempo maior de prática dos jogadores que praticam o futebol ficou entre 5 (cinco) a 8 (oito) anos com percentual de 33%.

Tabela 05. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função do tempo em que são jogadores de futebol.

TEMPO DE INICIAÇÃO/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
- 5 ANOS	17 (7,39%)	12 (7,10%)	11 (8,46%)	40 (7,56%)
5 A 8 ANOS	63 (27,39%)	57 (33,72%)	43 (33,07%)	163 (30,81)
8 14 ANOS	70 (30,43%)	48 (28,48%)	34 (26,15%)	152 (28,73%)
11 A 14 ANOS	40 (17,39%)	25 (16,56%)	30 (23,07%)	95 (17,95%)
+ DE 14 ANOS	40 (17,39%)	27 (15,97%)	12 (9,23%)	79 (14,93%)
TOTAL	130	169	230	529

Na tabela 06, os dados apresentados são referentes ao tempo de profissionalismo que os jogadores de futebol profissional da primeira Divisão do Estado de São Paulo, tem na carreira futebolística. O número de 54% dos jogadores que tem menos de 5 anos de futebol profissional indica que na sua maioria os clubes de futebol profissional do Estado de São Paulo, buscam jogadores novos com grande sucesso logo no início da carreira.

Tabela 06. Distribuição de frequência absoluta e relativa dos jogadores de futebol profissional em função do tempo em que são jogadores de futebol profissional.

TEMPO DE PROFISSIONAL/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
- 5 ANOS	125 (54,35%)	57 (33,72%)	43 (33,07%)	225 (45,53%)
5 A 8 ANOS	63 (27,39%)	42 (24,85%)	34 (26,15%)	139 (26,27%)
8 A 11 ANOS	25 (10,86%)	35 (20,71%)	30 (30,23%)	90 (17,01%)
11 A 14 ANOS	08 (3,48%)	22 (13,01%)	12 (9,23%)	42 (7,93%)
+ DE 14 ANOS	09 (3,51%)	13 (7,69%)	11 (8,43%)	33 (6,23%)
TOTAL	230	169	130	529

Na tabela 07 os dados apresentados se referem à relação da questão de localização de residência dos jogadores profissionais da Primeira Divisão do Estado de São Paulo. O levantamento demonstrou que a maior parte deles (43%) reside com a família.

Tabela 07. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função do local de suas residências.

LOCAL RESID./ ANO	1989	1993	1994	TOTAL
CLUBE	62 (26,96%)	28 (16,57%)	32 (24,61%)	122 (23,06%)
PAIS	35 (15,22%)	22 (13,02%)	20 (15,38%)	77 (14,55%)
PARENTES			04 (3,07%)	04 (0,75%)
CASA/ATLETA		18 (10,65%)	18 (13,84%)	36 (6,80%)
FAMÍLIA	101 (43,91%)	74 (43,79%)	48 (36,92%)	223 (42,16%)
AMIGOS		17 (10,06%)	01 (0,76%)	18 (3,40%)
SOZINHO	16 (6,96%)	09 (5,33%)	05 (3,84%)	30 (5,67%)
OUTROS	16 (6,96%)	01 (0,59%)	02 (1,5%)	19 (3,59%)
TOTAL	230	169	130	529

A questão sobre de quem foi a maior influência para que os jogadores seguissem na carreira futebolística tem os resultados apresentados na tabela 08. Os dados demonstraram que o Pai (31%) e Pai e Mãe juntos são os maiores incentivadores para que eles seguissem suas carreiras de jogadores de futebol.

Tabela 08. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função de quem foi a maior influência para que seguisse na carreira de jogador de futebol.

INFLUÊNCIA/ ANO	1989	1993	1994	TOTAL
PAI	54 (25,65%)	49 (28,99%)	34 (26,15%)	137 (25,89%)
MÃE	15 (6,52%)	20 (11,83%)	20 (15,38%)	55 (10,39%)
AMBOS	56 (0,87%)	41 (24,26%)	26 (20,00%)	123 (23,25%)
IRMÃOS	16 (6,69%)	16 (9,46%)	10 (7,69%)	42 (7,93%)
AMIGOS	31 (13,48%)	21 (12,42%)	08 (6,15%)	60 (11,34%)
TÉCNICOS	20 (8,70%)	08 (4,73%)	06 (4,61%)	34 (6,42%)
PROF. ED FÍS.	01 (0,43%)	02 (1,18%)	02 (1,53%)	05 (0,94%)
DIRIGENTES	11 (4,78%)	01 (0,69%)	11 (0,76%)	23 (4,34%)
OUTROS	15 (6,52%)	03 (1,77%)	04 (3,07%)	22 (4,15%)
PAI/IRMÃO	02 (0,87%)	02 (3,55%)	03 (2,30%)	07 (1,32%)
PAI/AMIGOS	06 (2,61%)	04 (2,36%)	04 (3,07%)	14 (2,64%)
PAI/TÉCNICO	03 (1,30%)	02 (1,18%)	02 (1,53%)	07 (1,32%)
TOTAL	230	210	140	529

Na tabela 09 os dados apresentados são referentes ao nível de instituição de ordem que surgiu a maior influência que fez com que os jogadores viessem a optar por essa profissão. Os resultados demonstraram que a família com 61% foi a maior incentivadora. Isto se relaciona com os dados apresentados na tabela onde o Pai e Pai/Mãe, também foram os principais responsáveis da sedimentação da carreira futebolística dos jogadores analisados.

Tabela 09. Distribuição da frequência absoluta dos jogadores de futebol profissional em função da instituição que teve maior influência para que seguisse na carreira de jogador.

INTUIÇÃO/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
FAMÍLIA	141 (61,30%)	91 (53,84%)	62 (47,69%)	294 (55,57%)
ESCOLA	19 (8,26%)	28 (16,56%)	13 (10%)	60 (11,34%)
CLUBE	48 (20,87%)	36 (21,30%)	40 (30,76%)	124 (23,44%)
OUTROS	22 (9,57%)	14 (8,28%)	15 (11,53%)	51 (9,64%)
TOTAL	230	169	130	529

Na questão sobre pretensões ou objetivos próprios que levaram os jogadores a optar por essa profissão de ser jogador de futebol profissional, os dados são apresentados na tabela 10. A maioria (53%) responderam que optaram por esta profissão em função de gostarem do esporte futebol.

Tabela 10. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função de quais os fatores de maior influência para que seguisse na carreira de jogador de futebol.

FATOR DE INFLUÊNCIA /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
ASCENSÃO SOCIAL	12 (5,22%)	12 (7,10%)	10 (7,69%)	34 (6,42%)
> RENTABILIDADE	33 (14,35%)	24 (14,20%)	14 (10,76%)	71 (13,42%)
SATISFAÇÃO PESSOAL	61 (26,52%)	62 (36,68%)	42 (32,30%)	165 (31,19%)
GOSTO PELO ESPORTE	122 (53,04%)	70 (41,42%)	64 (49,23%)	256 (48,39%)
OUTROS	02 (0,8%)	01 (0,59%)	00	03 (0,56%)
TOTAL	230	169	130	529

Os dados referentes ao local de categoria de onde foi o início da carreira de jogador de futebol profissional, são apresentados na tabela 11, que demonstram que a maioria dos jogadores iniciaram na categoria dente de leite (10 a 13 anos).

Tabela 11. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função de onde iniciaram a carreira de jogador.

CATEGORIA DE INICIAÇÃO/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
DENTE LEITE	76 (33,07%)	67 (39,64%)	48 (36,92%)	191 (36,10%)
INFANTIL	51 (22,07%)	42 (24,85%)	32 (24,61%)	125 (23,62%)
JUVENIL	30 (13,04%)	28 (10,56%)	23 (17,69%)	81 (15,31%)
JUNIOR	27 (11,74%)	15 (8,87%)	16 (12,30%)	58 (10,96%)
VÁRZEA	23 (10%)	12 (7,10%)	06 (4,61%)	41 (7,75%)
AMADOR	20 (8,70%)	04 (2,36%)	03 (2,30%)	27 (5,10%)
PROFISSIONAL	03 (1,30%)	01 (0,59%)	02 (1,53%)	06 (1,13%)
TOTAL	230	169	130	529

Os dados referentes à questão de qual a importância que os jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo dão para a sua própria formação escolar são representados na tabela 12. Os resultados mostram que 74% consideram ser muito importante que eles tenham uma boa formação escolar.

Tabela 12. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol em função da importância que eles dão para a formação escolar deles próprios.

FORMAÇÃO ESCOLAR/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
NÃO IMPORTANTE	02 (0,87%)	17 (10,05%)	10 (7,69%)	29 (5,48%)
POUCO IMPORTANTE	03 (1,30%)	18 (10,56%)	04 (3,07%)	25 (4,72%)
INDIFERENTE	04 (1,74%)	13 (7,69%)	14 (10,76%)	31 (5,86%)
IMPORTANTE	49 (21,30%)	31 (18,34%)	30 (23,07%)	110 (20,79%)
MUITO IMPORTANTE	172 (74,78%)	90 (53,25%)	72 (55,38%)	334 (63,13%)
TOTAL	230	165	130	529

Os dados referentes ao nível de escolarização dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo, analisados são apresentados na tabela 13, que evidencia a presença de um bom nível de formação escolar por parte dos jogadores. A maioria deles (33%) concluíram o 2º grau de ensino.

Tabela 13. Distribuição da frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol em função do nível de escolaridade.

ESCOLARIDADE /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
1º GRAU INCOMPLETO	23 (10%)	10 (5,91%)	13 (10%)	46 (8,69%)
1º GRAU COMPLETO	25 (10,87%)	15 (8,87%)	15 (11,53)	55 (10,39%)
2º GRAU INCOMPLETO	52 (22,61%)	42 (24,85%)	35 (26,92%)	129 (24,38%)
2º GRAU COMPLETO	66 (28,70%)	56 (34,13%)	43 (33,07%)	165 (31,19%)
SUPLETIVO 1º GRAU	02 (0,87%)	02 (1,18%)	02 (1,53%)	05 (1,13%)
SUPLETIVO 2º GRAU	04 (1,74%)	08 (4,73%)	08 (6,15%)	20 (3,78%)
SUPERIOR INCOMPLETO	36 (15,65%)	26 (15,38%)	16 (12,30%)	78 (14,74%)
SUPERIOR COMPLETO	22 (9,57%)	10 (5,91%)	08 (6,15%)	40 (7,56%)
TOTAL	230	169	130	529

O nível de escolaridade dos pais dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo está na tabela 14, demonstrando que o nível de formação dos pais pode ser considerado razoável, pois 36% dos pais completaram pelo menos o 1º grau e que 21% tem o 2º grau completo.

Tabela 14. Distribuição da frequência absoluta e relativa (%) dos pais dos jogadores de futebol profissional em função do nível de escolaridade.

ESCOLARIDADE PAIS/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
1º GRAU INCOMPLETO	82 (50,00%)	50 (30,48%)	32 (19,51%)	164 (31,00%)
1º GRAU COMPLETO	70 (50,72%)	44 (31,88%)	24 (17,39%)	138 (26,08%)
2º GRAU INCOMPLETO	16 (6,96%)	12 (7,10%)	18 (13,84%)	46 (8,69%)
2º GRAU COMPLETO	36 (15,65%)	36 (21,30%)	27 (20,76%)	99 (18,71%)
SUPLETIVO 2º GRAU	02 (0,87%)	04 (2,36%)	02 (1,53%)	08 (1,51%)
SUPERIOR INCOMPLETO	06 (2,61%)	10 (5,91%)	17 (13,07%)	33 (6,23%)
SUPERIOR COMPLETO	18 (6,96%)	13 (7,69%)	10 (7,69%)	41 (7,75%)
TOTAL	230	169	130	529

Na tabela 15, os dados apresentados procedentes da questão sobre a profissão dos pais dos jogadores, os resultados demonstram que a maioria dos pais são aposentados (C-26) com um percentual de 17% e que num segundo plano a profissão mais encontrada entre eles foi a de profissionais liberais (C-03) com um percentual de 16%.

Tabela 15. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos pais dos jogadores de futebol profissional em função de sua profissão.

PROFISSÃO PAIS/ ANO	1989	1993	1994	TOTAL
C-03	37 (16,08%)	26 (15,38%)	20 (15,38%)	83 (15,68%)
C-04	19 (8,26%)	13 (7,69%)	08 (6,15%)	40 (7,56%)
C-05	08 (3,48%)	08 (4,73%)	12 (9,23%)	28 (5,29%)
C-06	07 (3,04%)	07 (4,14%)	06 (4,61%)	20 (3,78%)
C-07	07 (3,04%)	13 (7,69%)	11 (8,46%)	31 (5,86%)
C-10	13 (5,65%)	07 (4,14%)	06 (4,61%)	26 (4,91%)
C-15	13 (5,65%)	06 (3,55%)	04 (3,07%)	23 (4,34%)
C-16	20 (8,70%)	16 (9,46%)	10 (7,69%)	46 (8,69%)
C-17	22 (9,56%)	14 (8,28%)	12 (9,23%)	48 (9,07%)
C-18	17 (7,39%)	12 (7,10%)	08 (9,23%)	37 (6,99%)
C-19	14 (6,08%)	12 (7,10%)	06 (4,61%)	32 (6,05%)
C-24	13 (5,65%)	13 (7,69%)	11 (8,46%)	37 (6,99%)
C-26	40 (17,39%)	22 (13,01%)	16 (12,30%)	78 (14,74%)
TOTAL	225	170	130	529

O nível de escolaridade das mães dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo, estão apresentados na tabela 16, que apresenta uma semelhança com o nível de escolaridade apresentado pelos pais dos jogadores, onde 38% delas não concluíram o 1º grau de ensino. Isto talvez se justifique na relação com o índice de que na sua maioria elas desenvolvem apenas atividades domésticas.

Tabela 16. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) das mães dos jogadores de futebol profissional em função de seu nível de escolaridade.

ESCOLARIDADE MÃES/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
1º GRAU INCOMPLETO	88 (38,26%)	56 (33,13%)	40 (30,76%)	184 (34,78%)
1º GRAU COMPLETO	67 (29,13%)	48 (28,40%)	24 (18,46%)	139 (26,27%)
2º GRAU INCOMPLETO	20 (8,70%)	15 (8,87%)	14 (10,76%)	49 (9,26%)
2º GRAU COMPLETO	35 (15,22%)	18 (10,65%)	22 (16,92%)	75 (14,17%)
SUPLETIVO 2º GRAU	02 (0,87%)	11 (6,50%)	10 (7,69%)	23 (4,34%)
SUPERIOR INCOMPLETO	04 (1,74%)	06 (3,55%)	06 (4,61%)	16 (3,02%)
SUPERIOR COMPLETO	14 (6,09%)	15 (8,87%)	14 (10,76%)	43 (8,12%)
TOTAL	230	169	130	529

Na tabela 17, os dados apresentados são referentes a profissão da mãe dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo, os resultados demonstram que a maioria das mães dos jogadores (80%) apenas desempenham atividades domésticas.

Tabela 17. Distribuição da frequência absoluta e relativa (%) das mães dos jogadores de futebol profissional.

PROFISSÃO PAIS/ ANO	1989	1993	1994	TOTAL
C-03	09 (3,91%)	04 (2,36%)	02 (1,53%)	15 (2,83%)
C-04	08 (3,48%)	06 (3,55%)	06 (4,61%)	20 (3,78%)
C-05	02 (0,87%)	01 (0,59%)		03 (0,56%)
C-06	01 (0,43%)			01 (0,18%)
C-07	17 (7,39%)	12 (7,10%)	15 (11,53%)	44 (8,50%)
C-10	05 (2,17%)	03 (1,77%)	02 (2,30%)	10 (2,07%)
C-11	02 (0,87%)	01 (0,59%)	02 (1,53%)	05 (0,94%)
C-12	02 (0,87%)	02 (1,18%)	01 (0,76%)	05 (0,94%)
C-17	04 (1,74%)	04 (2,36%)	03 (2,30%)	11 (2,07%)
C-22	08 (3,48%)	06 (3,55%)	04 (3,07%)	18 (3,40%)
C-25	165 (71,74%)	120 (71,00%)	92 (70,76%)	377 (71,26%)
C-26	07 (3,04%)	10 (5,91%)	01 (0,76%)	18 (3,40%)
TOTAL	230	169	128	527

Na tabela 18, são apresentados os dados do tempo gasto por semana com a concentração pelos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo. A maior porcentagem (34%) ficou para aqueles jogadores que concentram em média de 24 (vinte e quatro) a 30 (trinta) horas semanais.

Tabela 18. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função do número médio de horas gastas por semana com concentração.

TEMPO EM CONCENTRAÇÃO /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
ATÉ 8 HORAS	12 (12,17%)	11 (6,67%)	10 (7,69%)	33 (6,28%)
8 A 16 HORAS	22 (6,08%)	05 (3,03%)	06 (4,61%)	33 (6,28%)
16 A 24 HORAS	60 (21,73%)	35 (21,21%)	22 (16,92%)	117 (22,28%)
24 A 30 HORAS	74 (27,39%)	38 (23,03%)	32 (24,61%)	144 (27,42%)
+ DE 30 HORAS	62 (32,60%)	76 (46,06%)	60 (46,15%)	198 (37,71%)
TOTAL	230	165	130	525

Na tabela 19, os dados apresentados se referem ao número de jogos por semana que os jogadores profissionais de futebol da Primeira Divisão do Estado de São Paulo, participaram. A maior incidência (95%) ficou com aqueles que participaram em 2 (dois) jogos por semana.

Tabela 19. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em relação a sua participação em jogos por semana.

Nº JOGOS NA SEMANA /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
01 JOGO/SEMANA	10 (4,34%)	02 (1,19%)	04 (3,07%)	16 (3,03%)
02 JOGOS/SEMANA	185 (80,43%)	160 (95,24%)	120 (92,30%)	465 (88,06%)
03 JOGOS/SEMANA	35 (15,21%)	06 (3,57%)	06 (4,61%)	47 (8,90%)
TOTAL	230	168	130	529

Os dados referentes ao tempo gasto pelos jogadores de futebol profissional do Estado de São Paulo, com horas de sono são apresentados na tabela 20. a maior percentagem (34%), ficou com aqueles jogadores que dormem de 9 a 10 horas por dia.

Tabela 20. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função do número em horas gastas de sono.

TEMPO DORMINDO /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
ATÉ 7 HORAS	15 (6,52%)	08 (4,73%)	10 (7,69%)	33 (6,24%)
7 A 8 HORAS	86 (37,39%)	50 (29,59%)	35 (26,92%)	171 (32,32%)
8 A 9 HORAS	74 (32,17%)	49 (28,99%)	32 (24,61%)	155 (29,30%)
9 A 10 HORAS	45 (19,56%)	58 (34,32%)	42 (32,30%)	145 (27,41%)
+ 10 HORAS	10 (4,34%)	04 (2,37%)	11 (8,46%)	25 (4,72%)
TOTAL	230	169	130	529

Na tabela 21 os dados apresentados se referem ao tempo gasto pelos jogadores de futebol profissional do Estado de São Paulo em treinamentos. a maior incidência de porcentagem (55%) ficou com aqueles que treinam por dia de 3 a 4 horas.

Tabela 21. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função do número de horas gastas com treinamentos

TEMPO EM TREINO/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
ATÉ 2 HORAS	15 (6,52%)	07 (4,41%)	10 (7,69%)	32 (6,05%)
2 A 3 HORAS	44 (19,13%)	31 (18,34%)	18 (13,84%)	93 (17,58%)
3 A 4 HORAS	106 (46,08%)	76 (44,97%)	72 (55,38%)	254 (48,01%)
+ 4 HORAS	65 (28,26%)	55 (32,54%)	30 (23,07%)	150 (28,35%)
TOTAL	230	169	130	529

Na tabela 22 os dados apresentados são referentes ao tempo gasto pelos jogadores profissionais de futebol da Primeira Divisão do Estado de São Paulo para executarem suas refeições. Em sua maioria os referidos jogadores dispensam até 2 horas (52%) para se alimentarem.

Tabela 22. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em relação ao tempo gasto com as refeições.

TEMPO EM REFEIÇÃO/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
ATÉ 2 HORAS	120 (52,17%)	76 (44,97%)	70 (53,84%)	266 (50,28%)
2 A 3 HORAS	58 (25,21%)	47 (27,81%)	22 (16,92%)	127 (24,01%)
3 A 4 HORAS	42 (18,26%)	44 (26,04%)	25 (19,23%)	111 (20,98%)
+ 4 HORAS	10 (4,34%)	02 (1,18%)	13 (10%)	25 (4,72%)
TOTAL	230	169	130	529

Os resultados da questão sobre o quanto de tempo os jogadores profissionais do Estado de São Paulo gastam por dia para se deslocarem de suas residências até o local de trabalho (clube), estão demonstrados na tabela 23. Segundo os dados conseguidos a porcentagem maior (52%) ficou com aqueles que levam até 30 minutos de trânsito.

Tabela 23. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol em relação ao tempo gasto para se deslocarem da moradia ao local de trabalho.

TEMPO DE LOCOMOÇÃO /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
ATÉ 30 MIN.	108 (46,95%)	89 (52,66%)	52 (40%)	249 (47,06%)
ATÉ 1 HORA	62 (26,95%)	42 (24,85%)	34 (26,15%)	138 (26,08%)
ATÉ 2 HORAS	24 (10,43%)	08 (4,73%)	21 (16,15%)	53 (10,02%)
+ 2 HORAS	13 (5,65%)	02 (1,18%)	13 (10%)	28 (5,29%)
NENHUM	23 (10%)	28 (16,57%)	10 (7,69%)	61 (11,53%)
TOTAL	230	169	130	529

Os resultados apresentados na tabela 24 dizem respeito ao tempo gasto com horas de lazer pelos jogadores de futebol profissional do Estado de São Paulo. A maior porcentagem (42,26%) ficou com aqueles que despendem mais de 4 (quatro) horas com lazer.

Tabela 24. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em relação ao tempo gasto em horas de lazer por dia.

TEMPO EM LAZER/ ANO	1989	1993	1994	TOTAL
ATÉ 2 HORAS	65 (28,26%)	30 (17,86%)	25 (19,23%)	120 (22,72%)
2 A 3 HORAS	52 (22,60%)	35 (20,83%)	32 (24,61%)	119 (22,54%)
3 A 4 HORAS	43 (18,69%)	32 (19,05%)	23 (17,69%)	98 (18,56%)
+ 4 HORAS	70 (30,43%)	71 (42,26%)	50 (38,46%)	191 (36,17%)
TOTAL	230	168	130	528

Os resultados relativos às atividades extras praticadas pelos jogadores de futebol profissional do Estado de São Paulo, são apresentados na tabela 25. A maior prática por parte dos jogadores (46%) indicou a atividade de assistir televisão como a principal atividade fora do trabalho.

Tabela 25. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em relação à prática de atividade extra do trabalho.

ATIV EXTRA/ ANO	1989	1993	1994	TOTAL
INTELLECTUAL	28 (12,17%)	11 (6,67%)	10 (7,69%)	49 (9,33%)
SOCIAL	50 (21,73%)	35 (21,21%)	22 (14,92%)	107 (20,38%)
ARTÍSTICA	14 (6,08%)	05 (3,03%)	06 (4,61%)	25 (4,76%)
DESCANSAR	63 (27,39%)	38 (23,03%)	32 (24,61%)	133 (25,33%)
ASSISTIR TV	75 (32,60%)	76 (46,06%)	60 (46,15%)	211 (40,19%)
TOTAL	230	165	130	525

Na tabela 26 os dados apresentados se referem à questão do conhecimento por parte dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo, de que seus clubes têm planejamento global de atividades. A maioria das respostas (70%) ficou para aqueles que afirmaram que seus respectivos clubes possuem planejamento.

Tabela 26. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em questão de seus clubes possuírem um planejamento global de atividades.

POSSUEM PLANEJ/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
SIM	143 (62,17%)	106 (62,72%)	92 (70,76%)	341 (64,46%)
NÃO	87 (37,82%)	63 (37,28%)	38 (29,23%)	188 (35,53%)
TOTAL	230	169	130	529

Na tabela 27 os dados apresentados se referem à questão do conhecimento de como é feito este planejamento global de atividades por parte dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo. A maioria (80%) respondeu que não tem conhecimento deste planejamento.

Tabela 27. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional, em relação do conhecimento de como é feito este planejamento global de atividades.

CONHECE O PLANEJ/ANO	1989	1993	1994	TOTAL
SIM	44 (19,13%)	35 (20,71%)	20 (15,38%)	99 (18,71%)
NÃO	186 (80,86%)	134 (79,29%)	110 (84,61%)	430 (81,28%)
TOTAL	230	169	139	529

Na tabela 28 os dados apresentados se referem à participação por parte dos jogadores na execução do planejamento global de atividades no clube. A grande maioria (82,41%) dos jogadores profissionais de futebol da Primeira Divisão do Estado de São Paulo, respondeu negativamente a esta questão, indicando pouco ou quase nenhum envolvimento do jogador na elaboração do planejamento de seus clubes.

Tabela 28. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores profissionais de futebol em relação quanto a participação na execução do planejamento global de atividades.

PARTICIPA DO PLANEJ./ANO	1989	1993	1994	TOTAL
SIM	38 (16,52%)	13 (7,69%)	42 (32,30%)	93 (17,58%)
NÃO	192 (83,47%)	156 (92,31%)	88 (67,69%)	436 (82,41%)
TOTAL	230	169	130	529

Os dados apresentados na tabela 29, se referem-se à questão de que os clubes o qual pertencem os jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo, possuem ou não um psicólogo. A maioria (94%) dos jogadores afirmaram que seus respectivos clubes não possuem um especialista na área da psicologia.

Tabela 29. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional, na questão de que seus clubes possuem ou não um psicólogo.

O CLUBE POSSUI PSICÓLOGO	1989	1993	1994	TOTAL
SIM	29 (12,6%)	10 (5,92%)	35 (26,92%)	74 (13,98%)
NÃO	201 (87,39%)	159 (94,08%)	95 (73,07%)	455 (86,01%)
TOTAL	230	169	130	529

Na tabela 30 os dados apresentados se referem à questão sobre os jogadores profissionais da Primeira Divisão do Estado de São Paulo, receberem algum tipo de orientação psicológica extra-campo. A maior parte dos jogadores (80%) afirmaram que recebem algum tipo de orientação psicológica.

Tabela 30. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional na questão da orientação psicológica extra-campo.

RECEBE ORIENTAÇÃO PSICOLÓGICA EXTRA- CAMPO /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
SIM	185 (80,45%)	100 (65,48%)	94 (72,30%)	379 (71,78%)
NÃO	45 (19,56%)	68 (34,52%)	36 (27,69%)	149 (28,21%)
TOTAL	230	168	130	528

Na tabela 31 os dados apresentados se referem à questão sobre quem executa a orientação psicológica extra-campo para os jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo. A maioria (64%) dos jogadores afirmaram que quem a faz é o próprio técnico.

Tabela 31. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional na relação de quem faz a orientação psicológica extra-campo.

QUEM EXECUTA A ORIENTAÇÃO PSIC./ANO	1989	1993	1994	TOTAL
PSICÓLOGO	20 (8,69%)	06 (5,26%)	10 (7,69%)	36 (7,59%)
TÉCNICO	135 (58,69%)	50 (43,86%)	84 (64,61%)	269 (56,75%)
PREP. FÍSICO	25 (10,86%)	15 (13,16%)	16 (12,30%)	56 (11,81%)
OUTROS	50 (21,73%)	43 (37,72%)	20 (15,38%)	113 (23,83%)
TOTAL	230	114	130	474

Na tabela 32 são apresentados os dados referentes à questão das futuras perspectivas dos jogadores de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo, quanto a virem desenvolver uma outra atividade profissional após encerrar suas carreiras futebolísticas. Os dados demonstraram que existe uma relativa igualdade nestas perspectivas. Aqueles que pretendem desenvolver uma atividade ligada ao futebol alcançou um percentual de 38%; enquanto que não relacionada ao futebol ficou com 35%.

Tabela 32. Distribuição de frequência absoluta (%) dos jogadores de futebol profissional em função das pretensões futuras após o encerramento da carreira futebolística.

ATIV. APÓS A CARREIRA /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
RELACIONADA AO FUTEBOL	88 (38,26%)	74 (43,78%)	55 (42,30%)	217 (41,02%)
NÃO RELACIONADA AO FUTEBOL	82 (35,65%)	55 (32,54%)	44 (33,84%)	181 (34,21%)
INDEFINIDO	60 (26,09%)	40 (23,66%)	31 (23,84%)	131 (24,76%)
TOTAL	230	169	130	529

Com relação à questão da existência de outra atividade profissional paralela além de jogador de futebol profissional, os dados são apresentados na tabela 33. Os resultados demonstram uma porção bastante grande (86%) daqueles que não tem outra atividade profissional paralela.

Tabela 33. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função de outra atividade profissional paralela.

POSSUI ATIV. PARALELA /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
S/ ATIV. PARALELA	200 (86,96%)	120 (71%)	99 (76,15%)	419 (79,20%)
C/ ATIV. PARALELA	30 (13,04%)	49 (28,99%)	31 (23,84%)	110 (20,79%)
TOTAL	230	169	130	529

Na tabela 34 que analisa a questão que se refere se os jogadores gostariam ou não de desenvolver uma outra atividade profissional paralela, os resultados demonstram que existe uma comparação nas respostas dadas pelos jogadores analisados. Com uma porcentagem de 46% estão aqueles que gostariam de ter uma outra atividade profissional paralela contra 64% para os que não gostariam de ter uma outra atividade profissional paralela.

Tabela 34. Distribuição de frequência absoluta e relativa (%) dos jogadores de futebol profissional em função da opção de uma outra atividade profissional paralela

OPÇÃO POR ATIV.PARALELA /ANO	1989	1993	1994	TOTAL
SIM- ATIV.PARALELA	108 (46,96%)	75 (44,37%)	46 (35,38%)	229 (43,28%)
NÃO- ATIV.PARALELA	122 (53,04%)	94 (55,62%)	84 (64,61%)	300 (56,71%)
TOTAL	230	169	130	529

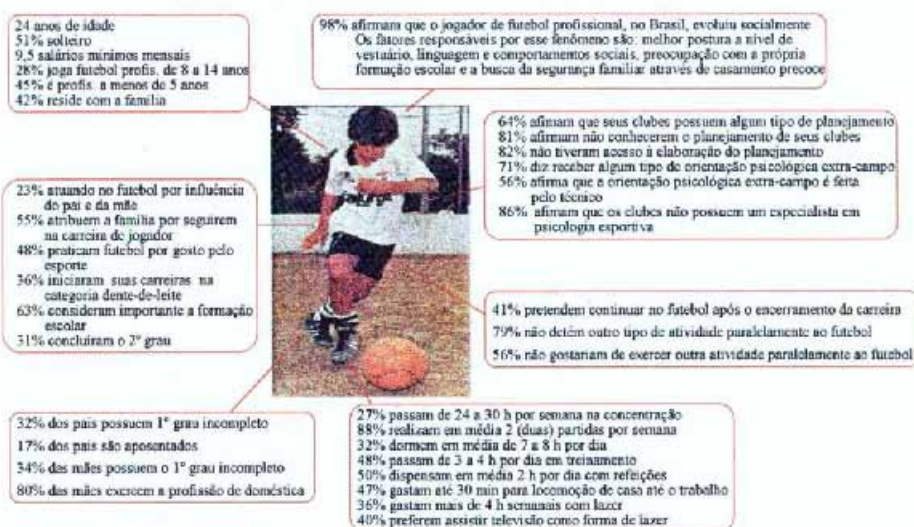


Figura 2. Sinópsia social do jogador de futebol profissional da 1ª divisão do Estado de São Paulo. Foram entrevistados 529 jogadores no intervalo de tempo de 6 anos (1989-1994).

8.2. Resultado das entrevistas

NOME: EDSON ARANTES DO NASCIMENTO (PELÉ)

DATA: OUTUBRO 1994

**LOCAL: CENTRO DE CONVENÇÕES DO ANHEMBI - FÓRUM
DEBATE NACIONAL DE DESPORTO**

1- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"Felizmente houve uma evolução. Não é o que a gente espera, há o que atinge ainda, mas houve uma evolução. Existe uma maior confiança. De uma maneira geral melhorou bastante."

2- QUE CONSELHO VOCÊ DARIA AOS NOVOS JOGADORES?

"O importante foi o que foi debatido no Fórum Nacional de Desportos. Os jogadores se conscientizam que eles são mais fortes do que as Federações. Então nós temos que fazer com que haja uma união entre os jogadores, e que se o esporte se fortalecer no Brasil será bom para todo mundo. Tem que ter mais interesse entre os atletas e não ter medo das Federações."

Aconselho para que os jogadores se preparem melhor, leiam seus contratos, se unam pelos seus direitos."

NOME: ROBERTO BENEVIDES (O ESTADO DE S. PAULO-REPÓRTER)

DATA: OUTUBRO DE 1994

LOCAL: CENTRO DE CONVENÇÕES DO ANHEMBI - FÓRUM DEBATE NACIONAL DE DESPORTO

1- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"É uma impressão, mas acredito que sim; de um modo geral a popularização dos meios de comunicação deu um salto para a vida das pessoas, principalmente nos graus de informação e, isso se transfere para todas as profissões, inclusive para o jogador de futebol. Visto que o futebol é uma área muito ligada aos meios de comunicação, o jogador é muito requisitado, então, houve a necessidade de se estudar, pois a carreira de jogador é muito curta, apesar de não sobrar muito tempo para o jogador estudar (regulamentos e tabelas de campeonatos e concentrações).

Pelo menos no nível de futebol de elite, o jogador evoluiu."

NOME: DR. OSMAR DE OLIVEIRA (SBT -APRESENTADOR)

DATA: OUTUBRO DE 1994

LOCAL: CENTRO DE CONVENÇÕES DO ANHEMBI - FÓRUM DEBATE NACIONAL DE DESPORTO

1- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"Evoluiu, principalmente nos últimos 15 anos, pois o jogador também aprendeu que deve estudar. A grande maioria agora também estuda, aprendeu que concentração não é um lugar de onde se reúnem malandros. Existem até movimentos religiosos atualmente na concentração. Por exemplo, ao chegar para os jogadores e falar que a concentração é hoje à noite e pergunta se eles preferem um jogo de cartas ou uma peça de teatro, certamente optarão pela peça de teatro, com exceções evidentemente; eles agora têm uma visão melhor da economia do país, com o dinheiro que ganham já compra uma geladeira para a mãe, (embora existam aqueles em que a primeira coisa a fazer é comprar um carro 0 Km).

Mas modificou completamente. Você vai ter um reflexo disso daqui uns 20 anos, quando você vai ver que a Secretaria de Esportes e Cultura do Estado não mais precisará fazer programas especiais para resolver os problemas de ex-jogadores, que foram milionários e jogaram todo o dinheiro fora. Hoje ela vê o esporte como uma profissão, pena que eles ainda não reivindicam, ainda não estão organizados em classes, mas há de chegar este tempo."

NOME: WANDERLEI LUXEMBURGO (S.E. PALMEIRAS - TÉCNICO)

DATA: NOVEMBRO DE 1994

LOCAL: CENTRO DE TREINAMENTO DA S.E. PALMEIRAS

1- O QUE VOCÊ ACHA DO TRABALHO CIENTÍFICO NO FUTEBOL?

"Acho importante a parte científica, que é uma maneira de você melhorar a qualidade do atleta. A parte científica, aliada à parte prática que ministramos pode fazer com o atleta melhore seu rendimento. Acho importante a parte científica no futebol, para que tenha uma abertura maior, para essas pessoas virem a ajudarem a melhorar a performance do atleta."

2- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"Evoluiu, apesar de eu achar que o aspecto social não é só do atleta, mas o país vive um problema social muito forte, 50% da população brasileira é miserável, então você há de entender que é um mal da sociedade. Mas houve uma evolução na parte social do atleta. Hoje temos atletas com um nível melhor do que aqueles de antigamente."

3- QUE CONSELHO VOCÊ DARIA AOS JOVENS ATLETAS?

"Que pudessem entender melhor a profissão, entender que o futebol profissional deve ser feito de maneira diferente, da maneira que nós temos dificuldade de ministrar para esses atletas. Entender que o futebol é uma profissão que te dá um rendimento muito bom, status, e aprender a conviver

com isso. Acho que esse aprendizado todo tem que vir das categorias de base e ser mostrado através de psicólogo, sociólogo, dando uma estrutura melhor de vida a este atleta e mostrando o que ele vai ter pela frente, encarar uma profissão realmente com profissionalismo."

4- É IMPORTANTE QUE O JOGADOR ESTUDE?

"Com certeza, estudar faz bem a todo mundo, é cultura, então é importante. Acho que deveria ter um dispositivo nas categorias de base em que o atleta só pudesse jogar futebol se ele estudasse, para que nós pudéssemos vir a formar um atleta melhor em todos os níveis. Acho que é importante, e deveria ser obrigatório o atleta estudar."

NOME: CARLINHOS NEVES (S.E. PALMEIRAS -PREP. FÍSICO)

DATA: NOVEMBRO DE 1994

LOCAL: CENTRO DE TREINAMENTO DA S.E. PALMEIRAS

1- O QUE VOCÊ ACHA DO TRABALHO CIENTÍFICO NO FUTEBOL?

"Acho que é o mais importante. E é importante entender o que é trabalho científico. A gente não pode ficar preso apenas na parte de preparação física; a ciência deve estar presente na parte técnica, na parte tática, na formação do jogador integralmente e acho que o caminho é por aí, porque o trabalho empírico hoje não tem mais espaço. É importante que se pesquise, que se tenha o maior número de informações em todos os sentidos e, dentro deste trabalho científico haja um acompanhamento da evolução dos atletas também em todos os níveis, para que você possa então formar um atleta integralmente. Não adianta um atleta estar bem formado na parte técnica, tendo carência na parte física ou estando muito bem na parte física e técnica mas sendo uma pessoa totalmente desintegrada da sociedade. Eu vejo que um jogador de futebol não deve ser visto e não deve ser trabalhado apenas como um jogador de futebol; ele faz parte da sociedade; ele é filho, marido, pai, é um elemento integrado mesmo à sociedade porque ele tem deveres e obrigações também como um cidadão, e não apenas como atleta."

2- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"É uma pergunta muito ampla, eu diria que uma pequena parte dos atletas, em função até de uma transferência para o exterior, adquiriu um pouco mais de cultura, vamos dizer assim, mas ainda há uma carência muito grande na formação dos atletas; nesse sentido os jogadores são completamente alienados pela própria estrutura do futebol, quando pegam um jornal dirigem-se apenas à parte de Esportes, não procuram acompanhar a parte de política, economia, do que está se passando no mundo, consequentemente se fecham em redoma de vidro e se protegem disso, achando que até que apenas a profissão de jogador de futebol existe, e sendo assim, pela forma diferenciada como são tratados, por uma série de razões, acabam ficando completamente bitolados, impedindo uma evolução em todos os sentidos. Então, acho que na média o jogador de futebol evoluiu socialmente não."

3- O QUE VOCÊ ACONSELHARIA AOS NOVOS JOGADORES?

Não seria um conselho somente aos jogadores, mas também aos clubes, há de se planejar e fazer um trabalho mais integral, como o que coloquei anteriormente. Não talvez, da forma normal que existe hoje no colégio, pois o calendário do esporte é muito estafante e não permite essa possibilidade de participar de uma escola formal, mas deveria promover

4- É IMPORTANTE QUE O JOGADOR ESTUDE?

Já respondi isso na pergunta anterior, seria, importante, sim, mas deveria ser mais importante que dentro das dificuldades de cada calendário, os atletas hoje concentram na terça, jogam na quarta para concentrar na sexta e voltar a jogar no sábado ou no domingo. Então, repito que deveria se formar alguns planos, que de repente a escola viesse de encontro ao jogador com cursos rápidos e objetivos e também, como coloquei anteriormente, com palestras, enfim aumentando o nível de cultura do atleta, através de informações, que hoje é muito fácil através de vídeos, de livros e revistas e de pessoas que possam vir a dar a sua contribuição a nível cultural para os atletas."

NOME: TELÊ SANTANA (SÃO PAULO F.C. - TÉCNICO)

DATA: NOVEMBRO DE 1994

LOCAL: CENTRO DE TREINAMENTO DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

1- O QUE VOCÊ ACHA DO TRABALHO CIENTÍFICO NO FUTEBOL?

"Nós estamos caminhando para o lado científico e normalmente tudo que é progresso eu procuro acompanhar e estar atento a tudo e, é claro que vem para apurar e ajudar também no futebol o lado científico, nós estamos um pouco atrasados mas tenho certeza que dentro de pouco tempo nós vamos atingir um estágio melhor e será bom para o futebol também pular para o lado científico."

2- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"Evoluiu, há evolução. Muita coisa o jogador de futebol, hoje, procura fazer o que não fazia anteriormente e, tem mais consciência profissional por isso há mais progresso social."

3- QUE CONSELHO DARIA AOS NOVOS JOGADORES?

É claro que a disciplina, a vontade de vencer, estar sempre entre aqueles que mais pontificam no futebol e o jogador ter a tranquilidade para enfrentar todos os problemas, força de vontade para aguentar tudo que aparece pela frente que são muitos obstáculos que aparece na vida

profissional de cada um. Mas tem que ultrapassar tudo e eu acho que se o jogador fizer tudo isto ele estará apto a ser um bom atleta e um grande jogador de futebol, é claro que ter as virtudes técnicas e uma boa condição física.

4- É IMPORTANTE QUE O JOGADOR ESTUDE?

"Eu acho que é mais vantajoso para o jogador se ele tiver algum curso, se ele puder estudar é muito melhor, às vezes o futebol hoje, o profissionalismo não dá muito tempo para isso, mas se ele puder ser mais esclarecido, inclusive é melhor no convívio com os companheiros e com aqueles que os dirigem."

NOME: ALTAIR RAMOS (SÃO PAULO F.C. - PREP. FÍSICO)

DATA: NOVEMBRO DE 1994

LOCAL: CENTRO DE TREINAMENTO DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

1- O QUE VOCÊ ACHA DO TRABALHO CIENTÍFICO NO FUTEBOL?

"Como tudo se evolui, o futebol também está evoluindo muito, exemplo aqui no próprio São Paulo, nós demos o "pontapé" inicial no trabalho científico e o resultado tem sido muito bom. Ocorre a valorização profissional do fisiologista, preparadores, etc., e para o próprio atleta está sendo muito importante porque está tendo mais condições de suportar os 90 minutos, que ele tenha uma carreira mais longa. E que o trabalho científico trabalhe em cima da sua capacidade ideal para ele atinja o melhor da sua condição física e que possa render o máximo durante toda a sua carreira."

2- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"Evoluiu, hoje os jogadores das grandes equipes que disputam vários torneios, tem que os seu salários e sabem aplicar o seu dinheiro, seja em imóveis principalmente para que quando terminar a carreira tenha condições que possa dar continuidade a sua vida e tanto profissional fora do futebol como socialmente e com a família na sociedade que ele vivera."

3- QUAL O CONSELHO AOS NOVOS JOGADORES?

"Temos aqui um excelente treinador que tem uma vivência (Telê), a gente procura, junto com ele, passar o melhor para todos os atletas tanto os que estão iniciando como os mais velhos também, para que eles se dediquem ao máximo, eles se doem ao máximo porque o jogador de futebol, a carreira dele, não é longa e que se cuidem sempre e que viver no futebol é complicado (concentração), mas tem que haver uma compreensão da família e de ambas as partes para que aproveite o máximo da carreira e o que ele ganhe ou esteja recebendo vá contribuindo uma boa parte do seu futuro pós futebol."

NOME: MÁRCIO BRAGA (DEPUTADO - RIO DE JANEIRO)

DATA: OUTUBRO 1994

**LOCAL: CENTRO DE CONVENÇÕES DO ANHEMBI - FÓRUM
DEBATE NACIONAL DE DESPORTO**

1- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"Pouco em relação ao avanço social de outras categorias, evoluiu pouco nos últimos 30 anos."

2- É IMPORTANTE QUE O JOGADOR ESTUDE?

"Estudar sempre é importante, aliás é o mais importante de tudo que uma pessoa possa fazer, a preparação destes atletas nos clubes continua nos mesmos moldes de 30 anos atrás, e portanto não evoluiu, e não evoluindo não dá para o jogador crescer socialmente em sua profissão, principalmente por meio do estudo."

3- EM RELAÇÃO A UMA FRASE SUA NO PASSADO QUE "A CRIANÇA SE ESPELHA NUM JOGADOR DE FUTEBOL E NÃO NO DE VOLEI OU BASQUETE".

"É claro que sim, porque o futebol é o grande manancial de craques do país; é o esporte mais democrático, que você joga na várzea, no terreno baldio, no meio da rua, como na minha infância, quando eu jogava com operários da obra da esquina, e todos nós tivemos esta formação. E com isso o futebol criou grandes ídolos e que há 100 anos a gente ouve falar deles. O basquete, o volei, são muito mais recentes. Portanto, as estrelas do basquete e do volei são nomes mais recentes, tanto que estes esportes cresceram muito mais nos últimos 10 (dez) anos, mas as classes mais humildes vêem mesmo o campo de futebol, a bola de futebol, e quando você conversa com qualquer um deles, inclusive tive oportunidade de fazê-lo quando fui Secretário Nacional de Esportes, eles têm como ídolo o Pelé, o Zico, e o sonho deles é chegar e jogar futebol por exemplo no Flamengo."

4- QUAL SUA ESPERANÇA EM RELAÇÃO A MODERNIDADE NO ESPORTE DAQUI PARA FRENTE?

"Acredito muito no próximo governo, nos seus quatro anos de mandato, possa dar um grande impulso porque o governo Itamar teve a tarefa de fazer a infra-estrutura, de colocar e fazer lei, a sua regulamentação, criar órgãos, destinar os recursos, dar a orientação política, dar Filosofia, inclusive em relação ao recurso público para a criança, a entrega à iniciativa privada da administração das entidades e das associações, afinal, todas estas discussões, a este governo agora cabe aprofundar esta discussão e a implementação destas idéias. Acho que estes quatro próximos anos são de fundamental importância para o desenvolvimento. Quero dizer mais: também no terreno das faculdades de Educação Física, é preciso que nós atuemos (Poder Público) nas escolas de Educação Física, no sentido da preparação desta mão-de-obra para o campo de desporto, não apenas para a prática, mas também na administração do desporto. É preciso que estas escolas evoluam no sentido de preparar essa garotada que está aí, e isso tudo que foi implantado nos dois anos de governo Itamar deve ser aprofundado no próximo Governo."

NOME: CHICO LANG (GAZETA - REPÓRTER)

DATA: OUTUBRO 1994

LOCAL: CENTRO DE CONVENÇÕES DO ANHEMBI - FÓRUM DEBATE NACIONAL DE DESPORTO

1- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"Houve uma subida de camada social; antigamente a camada social dos jogadores de futebol era de média baixa a operários, hoje em dia não; há um nível muito maior, principalmente porque eles ganham salários muito maiores, e muitos deles viveram muitos anos na Europa, caso de pessoas que vieram de classes simples e se tornaram famosas."

2- POR QUE ISSO ACONTECEU?

"Porque o futebol se profissionalizou demais; então com isso tudo cresceu, cresceu a penetração da TV brasileira, cresceu a divulgação do futebol em todo país e em todo mundo, e a coisa chegou a tal ponto que refletiu nos salários dos jogadores também no mercado europeu. Isto tudo foi fundamental."

NOME: JUCA KFOURI (REDE CULTURA- COMENTARISTA)

DATA: OUTUBRO 1994

LOCAL: CENTRO DE CONVENÇÕES DO ANHEMBI - FÓRUM DEBATE NACIONAL DE DESPORTO

1- O JOGADOR DE FUTEBOL EVOLUIU SOCIALMENTE?

"Acho que até, de certa forma, houve um fenômeno de, se for criado um neologismo, de classemedização e de embranquecimento do futebol brasileiro. Acho que como fenômeno do fim da várzea, dos terrenos baldios, que é a única possibilidade do menino jogar futebol hoje em dia é no clube ou na escola, o que de cara priva as classes menos favorecidas. Se você olhar o nível mais recente das seleções brasileiras, por exemplo, vai ver, primeiro: poucos negros e; segundo: um nível escolar mais alto, e um nível social aparentemente mais alto. Pode ser até que uma pesquisa me desminta, mas a sensação que eu tenho é esta."

9. DISCUSSÃO

De acordo com os resultados obtidos permite-se afirmar que a idade média dos jogadores profissionais analisados está em torno de 24 anos, não apresentando mudança no referido período de estudo (tabela 1). Segundo a teoria do treinamento tem sido descrito que a idade de maior performance em esportes coletivos, como futebol, ocorre em torno dos 26 anos, onde o desenvolvimento total das capacidades físicas é aliado a um maior nível de desempenho técnico (confirmar a referência).

Os dados comparativos que se referem ao estado civil dos jogadores analisados, pré-estabelecem uma pequena porcentagem para os solteiros e casados, apesar de haver uma leve predominância de solteiros, porém de 1989 a porcentagem de casado que era de 46% aumentou para 50% em 1994 (tabela 2). A vida agitada que desfruta um jogador de futebol profissional como: jogos, treinos, viagens, concentrações e atividades profissionais extras, tais como compromissos publicitários, levam às vezes ao tédio intenso, fazendo com que procurem, por vias formais ou não, uma companhia permanente. *"O jogador de futebol vive muito preso, sem tempo para aproveitar a vida como as outras pessoas, então se escolhe essa vida, quero pelo menos ficar preso com alguém que eu gosto"*

(JAMELLI, 19 anos, jogador do São Paulo F.C), referindo-se ao seu casamento, justifica a influência exercida pela família na sedimentação de se prosseguir na carreira profissional de jogador de futebol.

Na análise referente à cor da pele, a preponderância ficou para os brancos com 54% (tabela 3), evidente que apesar da pesquisa estar vinculada à resposta dos entrevistados, no Brasil, a mídia tem levantado a questão na qual o futebol vem embranquecendo. Essa questão torna-se altamente complexa no momento em que se parte para o contexto étnico nacional. Mas o importante, a nível representativo, é que o atual Ministro Extraordinário dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), ex-jogador de futebol profissional, com curso superior (Licenciado em Educação Física) é negro. Porém, essa característica de embranquecimento sugere ter ocorrido antes de 1989, pois podemos verificar que, com o passar dos anos analisados houve diminuição da porcentagem de brancos, estabilização dos negros e aumento de mulatos, acompanhando a grande miscigenação que hoje ocorre em nosso país.

Quanto ao nível salarial encontrado nos resultados, podemos verificar que o mesmo vem subindo (tabela 04). Em 1989 era de 4,5 salários mínimos, e em 1994 passou para 9,5 (tabela 4). Essa é uma característica bastante importante, que confirma a ascensão social do jogador profissional de futebol, através de maior reconhecimento financeiro, gerado por constante luta individual dos direitos, inclusive com melhor organização da classe, além de outros motivos, como o aumento do interesse estrangeiro pelos jogadores brasileiros. Por outro lado, a questão financeira ainda é bastante incerta, pois as gratificações e luvas recebidas quando do início do contrato muitas vezes não estão computados. Aliado

ao fato legal, que alguns clubes não registram os vencimentos dos jogadores no seu valor real.

Com base no tempo de iniciação no futebol, verificamos que de 5 a 8 anos é tempo apresentado por 30% dos jogadores (tabela 5), sendo menor do que 5 anos o tempo de profissionalismo de 45% desses (tabela 6). Assim, quando comparado com a idade média dos jogadores (24 anos) (tabela 1), verificamos que a idade para iniciação no futebol está em torno de 16 anos e que o profissionalismo em torno de 19 anos. É interessante notar que ocorreu uma mudança no tempo de profissionalismo dos jogadores de 1989 para 1993 e 1994, onde a porcentagem de jogadores com a profissionalização antes dos 5 anos diminuiu ao mesmo tempo que a porcentagem de jogadores com 8 a 11 anos e mais de 11 anos aumentou (tabela 6). Por questões culturais em nosso país, os jogadores que ultrapassam a casa dos 30 anos são considerados velhos para a prática do futebol. Com o avanço da cientificidade no esporte de alto rendimento este protocolo vem se deteriorando, pois, a partir do momento que se consegue através de dados avaliar o aproveitamento ("scouting") técnico dos jogadores durante uma partida de futebol, podemos ter uma avaliação científica da performance de cada um. Exemplo recente em nosso meio é a participação efetiva do jogador Toninho Cerezo pelo São Paulo F.C., que está com quase 40 anos de idade e ainda consegue manter sua atividade de jogo, de forma extraordinária. Dessa forma existe uma tendência do aumento do tempo dos indivíduos como profissionais do futebol, demonstrado claramente pelo aumento da porcentagem de indivíduos com mais de 14 anos de profissionalização.

A maior parte (42%) afirmou que reside com sua família (tabela 7), confirmando os resultados de 1989, e demonstrando que estabilidade

familiar continua a ser um importante fator na prática da profissão de jogador de futebol.

Do total, 25% dos jogadores afirmaram que o agente de maior influência para que seguissem na profissão foi seu pai, sendo que sua própria família (somada a porcentagem de pai, mãe e ambos) (tabela 08) foi de 58%. Enquanto em 1989, a participação do pai/mãe era de 26%, em 1993 foi de 24% e em 1994 de 20%, essa diminuição foi devido principalmente a maior participação das mães, que em 1989 tiveram uma participação 6,52% e em 1993 de 11,83% e em 1994 de 15,38%, demonstrando uma maior aceitação por parte das mães da profissão de jogador de futebol.

No trabalho de SALGADO (1994) 12 jogadores profissionais da 1ª divisão do Estado de São Paulo, foram questionados a respeito de quem os incentivou a procurar um clube para treinar, sendo que 5 dos 12 jogadores tiveram incentivo dos pais, 2 pelos irmãos e 3 por indivíduos de fora da família e apenas 1 optou livremente por procurar um clube, confirmando os achados desse trabalho.

No cotidiano de nosso país, é notório e claro o efeito causado pelo futebol, isto independentemente de nossa vontade. A priori, parece que nós, latinos, temos uma necessidade premente de induzir a outros o nosso gosto pessoal, desta forma, a satisfação que o esporte de alto nível proporciona através da mídia é indiscutível. Toda família brasileira parece que gostaria de ter um de seus membros em evidência no mundo esportivo, seja no futebol ou em outra atividade. Orgulhamo-nos muito quando um dos nossos faz sucesso. Talvez isto explique o porquê de nossa grande influência em provocar o gosto para a prática do futebol em nossos jovens.

Na concorrência de influência a nível de instituição o mesmo fenômeno é confirmado, tendo sido a família como fator preponderante influenciando-os para seguirem na carreira de jogadores de futebol profissional (55%) (tabela 9). A influência dos clubes aumentaram de 20% em 1989 para 30% em 1994, demonstrando grande aumento desse tipo de atividade profissional com a criação de um grande número de escolinhas particulares e dos clubes, causado principalmente pela falta de espaço nas grandes cidades.

Os principais fatores individuais que levaram os jogadores a optarem pela profissão de jogador de futebol profissional, nos últimos anos, foram o gosto pelo esporte (48%) e a satisfação pessoal (31%) (tabela 10). Demonstrando que apesar da fama e dinheiro que o futebol pode trazer, a ascensão social e a rentabilidade foram pouco citados.

Este item aborda a questão que trata do início de carreira do jogador. Uma porcentagem de 36% em 1994 foi para aqueles que iniciaram na categoria de dente-de-leite, aumentando em relação a 1989 que era de 33%. Por outro lado, houve diminuição da porcentagem de jogadores que iniciaram no futebol amador de 8% em 1989 para 2,3% em 1994 e no futebol varzeano de 10% em 1989 para 4,6% em 1994 (tabela 11). Esses resultados comprovam a teoria de que o futebol formal tomou, para si, a função de formar os futuros jogadores profissionais de futebol.

Apesar de 63% dos sujeitos analisados afirmarem como muito importante obter formação escolar, houve uma diminuição de 1989 de 73% para 55% em 1994. Demonstrando uma queda na valorização da escolaridade no Brasil, acompanhando uma tendência geral no país, devido ao pouco incentivo governamental dado a área de educação (tabela 12). Essa queda da valorização do estudo foi notado principalmente na

porcentagem de jogadores com nível superior (incompleto e completo) que em 1989 era de 25,22% e em 1994 de 18,45%, essa mesma característica não foi notada para o 1º grau, 2º grau e supletivo que tiveram um aumento de 1989 para 1994 (tabela 13), demonstrando que os jogadores acham muito importante o estudo, porém até o 2º grau. É bem verdade que nossos sujeitos estão vinculados a um dos maiores centros de desenvolvimento do país (São Paulo), mas é fato, também, que somos o Estado de maior migração. O futebol não passa alheio a este fator, interessante seria detectar a origem destes jogadores.

Apesar da porcentagem de pais com o 1º grau incompleto manter-se praticamente constante durante o período de 1989 e 1994, foi notado um aumento na porcentagem de pais com curso superior incompleto e completo (tabela 14). No mesmo sentido, em 1989, as mães apresentavam uma porcentagem de 67% com 1º grau completo e incompleto, diminuindo para 49% em 1994. Por outro lado, observou-se o aumento na porcentagem das mães que o possuíam o 2º completo e incompleto, assim como o supletivo de 0,87% em 1989 para 7% em 1994 e o ensino superior de 7% em 1989 para 15% em 1994 (tabela 16). Isso sugere que um aumento no nível de escolaridade das mães, pode ter provocado consequentemente, uma maior participação nas decisões familiares, influenciando mais ativamente, inclusive na escolha da profissão de jogador de futebol profissional pelos filhos, conforme exposto anteriormente.

Referenciando-se aos resultados apresentados na tabela 15 e 17 não houve alteração no quadro de profissões dos pais e das mães quando comparados desde 1989.

Apesar de estar sendo preconizada a extinção da concentração nos esportes coletivos, foi notado um aumento de 32% em 1989 para 46% em 1994 no número de jogadores que passam mais de 30 horas semanais em concentrações (tabela 18). A literatura científica afirma que o ganho metabólico se estabelece em função de 2 fatores: descanso e alimentação. Isto aliado a um conceito retrógrado de dirigentes e comissões técnicas antiquadas que não se utilizam da cientificidade em suas atuações, aliado ao fato de que parte dos jogadores não estão preparados para desenvolverem suas funções profissionais, justifica-se este tempo gasto em concentrações.

Apesar desse aumento, nas horas de concentração, a porcentagem de jogadores que participavam de 3 partidas por semana caiu de 15% em 1989 para 4% em 1994. Seria razoável este fator se não houvesse a problemática do excesso de viagens que os mesmos são obrigados a realizar em casos de partidas com mando do adversário.

Quanto ao aspecto das horas dispensadas em sono, grande parte dos jogadores apresentam-se numa faixa de normalidade que é de 7 (sete) a 8 (oito horas) diárias. Quando somada a porcentagem de jogadores que dormem de 9 a 10 horas diárias e os que dormem mais que 10 horas diárias, há um aumento de 23% em 1989, para 40% em 1994, talvez consequência essa do aumento relativo das horas na concentração (tabela 20).

Dos jogadores entrevistados, 48% responderam que treinam (trabalham) em média 3 (três) a 4 (quatro) horas por dia (tabela 21). A explicação para isso, pode ser encontrada na teoria do treinamento desportivo que preconiza que na especificidade do treino: os esportes coletivos, como o futebol, são constituídos de atividades de alta

intensidade e curta duração intercalados com períodos de pausa (EKBLÖM, 1986). Assim, durante o treinamento específico da modalidade, o desgaste energético gerado pelas atividades de alta intensidade limita o tempo total de duração do treinamento. Maiores durações de treino podem ser justificadas em períodos básicos do planejamento, onde a capacidade aeróbia, ou seja, os treinamentos de baixa intensidade e longa duração tornam-se mais importantes (GOMES, 1994).

O tempo gasto para se locomover de casa ao local de trabalho, os dados apresentam a maior porcentagem para a resposta de 30 minutos (tabela 23) e o tempo gasto em recreação é de até 2 (duas) horas (tabela 24). A maioria trabalha em média de 3 (três) a 4 (quatro) horas por dia, resta assim tempo para prática do lazer, sendo que, 40% dos jogadores preferem utilizar deste tempo, assistindo à televisão, sendo que houve uma tendência de aumento de 32% em 1989 para 46% em 1994 (tabela 25). Uma diminuição na porcentagem das atividades intelectuais e sociais no decorrer desses mesmos anos.

De uma forma geral, nossos clubes profissionais de futebol vêm se modernizando, por isto, a afirmação da maior parte dos jogadores (64%) (tabela 26) em dizer que seus clubes possuem algum tipo de planejamento. Interessante que, apesar dos jogadores saberem que existe planejamento, os mesmos não tiveram qualquer tipo de acesso, quando da sua execução (81%) (tabela 27). Apesar dessa grande porcentagem durante os anos foi verificado em 1994 um aumento para 32% de jogadores que tiveram participação na execução do planejamento global de atividade do clube quando comparados com os 16% de 1989 (tabela 28).

Apesar da porcentagem de clubes, que possuem psicólogos, terem aumentados, conforme as respostas dos jogadores de 12% em 1989 para

26% em 1994 (tabela 29), a porcentagem de jogadores que recebem orientação extra-campo diminuiu de 80% de 1989 para 72% em 1994 (tabela 30), sendo que, a porcentagem de participação dos psicólogos manteve-se constante, enquanto que a dos técnicos aumentou de 58% em 1989 para 64% em 1994 (tabela 31). Isso demonstra que apesar do aumento da participação de profissionais da área psicológica dentro do futebol. Há ainda a figura do técnico, como maior responsável pelo controle emocional. Um dos motivos pode ser o preconceito em relação a um profissional. Este fato, talvez explique o insucesso ou algumas situações indelicadas, que, às vezes, se colocam jogadores consagrados.

Na questão da sequência de vida profissional relacionada com o futebol, 41% responderam que gostariam de continuar ligados ao futebol (tabela 32). No tocante a terem uma atividade profissional paralela, 79% disseram que não a desenvolvem. Por outro lado, a porcentagem de jogadores que não desejam desenvolver outra atividade foi de 56% com tendência de aumento de 53% em 1989 para 64% em 1994 (tabela 34). Ultimamente tivemos conhecimento, através da mídia, que este tabu vem sendo quebrado, pois, os jogadores como Marcelinho Carioca do S.C. Corinthians, Zetti e Alemão do São Paulo F.C., Velloso e Amaral da S.E. Palmeiras e outros já estão desenvolvendo outro tipo de atividade. Ao executar uma análise das entrevistas, 90% das respostas foram afirmativas em dizer que os jogadores de futebol no Brasil evoluem socialmente. Isto vem acontecendo porque a própria mídia os abriga a melhorarem seus cabedais de conhecimento em função de uma melhor comunicação. Outro ponto importante colocado foi o fato de que a maioria dos jogadores atuais estão sendo trabalhados nas escolinhas formais de futebol, onde além do poder aquisitivo (só participa na sua maioria, aqueles que possuem

recursos financeiros para tal), o aspecto educacional é premente. Segundo eles, nosso jogador profissional, fala melhor, veste-se bem, impõe seu status pela aparência e pelos bens conseguidos, como imóveis e automóveis.

10. CONCLUSÃO

Os jogadores, hoje, procuram mostrar-se mais cultos e atualizados (VIANA, 1987). Em função dos objetivos deste estudo, podemos concluir que; na relação existente no quadro de coletas de dados de 1989, 1993 e 1994, o jogador de futebol profissional da Primeira Divisão do Estado de São Paulo evoluiu nos seus aspectos sociais. Sinais evidentes desta evolução podem ser detectados no momento em que procedemos uma leitura pessoal da postura destes jogadores no que se refere a linguagem, a vestuário, formação e das atividades comportamentais em público.

Em função dos resultados, podemos concluir que apesar das coletas de dados terem sido realizadas num espaço temporal de 6 anos, os mesmos apresentaram aspectos sociais positivos e negativos que caracterizam o jogador de futebol profissional.

Os principais aspectos positivos que caracterizaram uma evolução social do jogador de futebol foram o aumento da busca da estabilidade familiar através do casamento; aumento do nível salarial; aumento do tempo de atuação como profissional; aumento do grau de escolaridade (2º grau e supletivo); aumento do nível de escolaridade dos pais (nível superior); melhora das condições de trabalho, pela diminuição de 3 para 2 partidas semanais, da fixação da carga horário de treinamento de 3 a 4 horas,

participação na execução do planejamento do clube, aumento do número de psicólogos que estão atuando nos clubes; uma imagem positiva dos profissionais ligados ao futebol, conforme depoimento confirmando a evolução social do jogador.

Paralelamente a estes aspectos, encontrou-se um aumento no nível de escolaridade das mães, além de maior participação na decisão da opção: acompanhar a carreira de jogador de futebol profissional, demonstrando uma evolução social também da mulher brasileira, pela maior influência nas decisões familiares.

Este trabalho possibilitou concluir que o jogador de futebol profissional teve no referido período alguns aspectos sociais negativos: aumento do número de jogadores que iniciaram a carreira no futebol formal, demonstrando uma diminuição no número de praticantes do futebol amador e varzeano; diminuição dos jogadores que vêem o estudo como muito importante (principalmente o superior); aumento das horas de concentração, que gera um isolamento social do jogador; aumento das horas de lazer dedicadas a atividade de assistir à televisão, com diminuição das horas ligadas a atividades intelectuais e sociais; aumento da procura pela figura do técnico como apoio psicológico extra-campo, deixando de lado o psicólogo.

Aquela idéia de que o esporte servia apenas como prática desportiva de formação e lazer está se esvaziando perante nossa sociedade. Esta mesma situação é observada, quando da iniciação desportiva no futebol da maioria dos jogadores que pertencem a este esporte, ocorre de maneira formal pelas escolinhas dos clubes ou particulares onde a família vem tendo uma importância fundamental. A mesma passa a ter o futebol profissional como uma profissão aos olhos de nosso entendimento.

Ao processar este jogo de futebol prático/teórico, como diria WITTER (1982) "na conclusão da inconclusão, chega-se a acreditar que ao findar-se este jogo de futebol, onde não tivemos resultado, sobra a grandeza de ter podido jogar mesmo sem bola uma prática, onde o conhecimento adquirido, provocou uma vibração incomum no contexto da própria complexidade que envolve o tema futebol no Brasil. Certo talvez esteja Sócrates em 1980, *o que seria de nós se não tivéssemos o futebol*".

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol brasileiro sempre ocupou um lugar de destaque tanto na mídia nacional como na internacional, porém, os temas expostos referem-se em grande parte às questões profissionais. Pouca atenção tem se dispensado ao aspecto social do jogador de futebol que vem sofrendo modificações há alguns anos. Dentre elas, podemos citar a introdução dos meios acadêmicos, da produção científica propriamente dita, no esporte futebol. Sem dúvida alguma, este processo tem colaborado e muito para o desenvolvimento da profissão de jogador de futebol.

Importante será, num futuro próximo, provocar uma discussão acadêmica sobre a atual realidade futebolística nacional a respeito do temas polêmicos como a precoce formação de família através do casamento, principalmente, dos jogadores com maior destaque.

Tem-se observado que o futebol vem permitindo mais do que qualquer outro ramo de atividade profissional, uma avalanche de publicidade sobre a questão de aproveitamento para maior desenvolvimento de captação de pessoas no referencial de ideologia cristã. A sugestiva logomarca dos "Atletas de Cristo", via futebol tem crescido de forma assustadora. Mas, por se tratar de uma ideologia, possui divergências. Este quadro apresentado na revista PLACAR (1995) apresenta a segmentação que tem e vem tendo este fato de religião em nosso futebol

Outras duas problemáticas que envolvem nossa sociedade atual são as questões das drogas e o homossexualismo. No que se refere ao futebol, pouco temos de literatura a este respeito. Estes assuntos seriam propostas que deveriam ser trabalhadas com muita propriedade, para se detectar até que ponto isto pode estar influenciando o desenvolvimento da carreira do jogador de futebol profissional.

Sendo o futebol uma profissão altamente exigente, fica claro que um dos problemas mais sérios e que mais afetam o ex-jogador de futebol profissional é a sua readaptação ou reconversão a cidadão comum, á sociedade. Abandonar a condição de um "ser popular" e de viver numa atividade profissional extremamente paternalista torna-se difícil para o indivíduo. De tempos em tempo a mídia tem apresentado numerosos casos. Numa pesquisa realizada por PIREs (1984 apud LOUZAS, 1994) o mesmo detectou que seus entrevistados encontravam-se em situação difícil economicamente. Isto devido ao despreparo enquanto jogadores profissionais de futebol. Em países supostamente mais desenvolvidos culturalmente, já existem firmas que estão se especializando na atividade de ajustamento social, na França, o ex-jogador REAUCHETOU coordena um destes projetos com a firma ECOSPORT. O fato de poucos clubes possuírem um especialista (psicólogo) para desenvolver um trabalho científico mais adequado, talvez explique este tipo de situação. O depoimento em 1993 de Rai, um de nossos maiores jogadores, reflete bem esse aspecto: " *Saber que o sucesso é passageiro me alivia*".

"Na acepção da palavra, o jogador encarna a figura de um "super-homem" nos aspectos das exigências físicas e psíquicas. Isto devido à série de fatores que tem contra si, quando da prática de sua profissão; o tempo de duração de um jogo de futebol, o excessivo número de jogos em curto intervalo de tempo, o clima e temperaturas variadas, quando da participação em treinamentos e jogos. Os estados dos gramados com suas particularidades, a deslealdade e violências utilizadas por parte dos adversários, as irregularidades das arbitragens, a pressão psicológica exercida por dirigentes e torcedores, as concentrações prolongadas, os deslocamentos provocados pelas constantes viagens, o índice de lesões que os quais estão sujeitos, à constante ingerência na participação de suas vidas particulares." (RIGUEIRA, 1987)

Ao conceituar desta forma o jogador de futebol profissional no exercício de sua profissão, o referido autor provoca uma discussão altamente coerente, no fator de que esta profissão torna-se diferenciada em valores a tantas outras atividades profissionais de trabalho. Na busca de levantar subsídios que possam vir a contribuir para um melhor desenvolvimento desta profissão, importante seria que estudos específicos fossem realizados. Além disso, esperamos que esta pesquisa torne-se também um incentivo para que surjam novos questionamentos referentes ao meio social do jogador de futebol, como:

- Qual a preocupação que os clubes têm na escolha de um profissional que atuará na área de formação de atletas?
- Em que a mídia brasileira tem colaborado para que ocorra uma melhor formação social e cultural deste atleta?
- Segundo a revisão de literatura, o governo vem se utilizando não só do futebol mas do esporte como meio de manipulação há alguns anos. Espera-se

que o mesmo crie mecanismos para que a prática desportiva seja incentivada entre a população. Então, sugere-se que um estudo seja realizado a respeito, buscando investigar quais os meios que os governos (municipais, estaduais e federais) têm utilizado para criar esse incentivo? Esse trabalho é realmente realizado pelos nossos governantes?

- Além dos clubes, o que a legislação brasileira contém a nível de garantia trabalhista para a profissão de jogador de futebol? Essa legislação é condizente à realidade hoje vivida pelo profissional? Quais são suas garantias quando da assinatura de um contrato? Sugere-se aqui, também, que seja feita uma investigação a respeito dos contratos "impostos" pelos clubes?

- Na questão do problema étnico, seria importante que pesquisas fossem realizadas com intuito de produzir um melhor conhecimento sobre o assunto no futebol brasileiro.

- Quando estamos prestes a concluir este trabalho, aparece nos meios literários a excepcional obra bibliográfica sobre Mané Garrincha, intitulada "A Estrela Solitária, um brasileiro chamado GARRINCHA" escrita por Ruy Castro (1995). Este tipo de trabalho deveria ser melhor conduzido em nosso meio, pois, a partir desses conhecimentos nossos futuros jogadores, poderão se posicionar melhor perante a sociedade brasileira.

- Acredita-se que o futebol, enquanto um sistema social, crie ou funcione como meio de geração de empregos. Quais as outras profissões desenvolvidas que estão diretamente ligadas ao futebol?

- O assunto futebol, no Brasil, é extremamente polêmico, mas ao mesmo tempo por ser uma manifestação cultural de raiz torna-se autêntico na sua prática, refletido nas palavras de Romário em 1995. *"Sou guerreiro, nascido em Jacaré e criado na Vila da Penha, como é que vou ter medo de alguma coisa"*.

Os meios acadêmicos brasileiros têm avançado na temática futebolística nacional. A bem da verdade, ainda não há conteúdo, mas na relação futebol/academia um acadêmico que vem trabalhando nesse contexto é o prof. João Paulo Medina, que além do aspecto científico, coloca acima de tudo o jogador de futebol profissional como um ser humano integral. Visa o mesmo, o lado humanístico do profissional e suas bibliografias são indicadas para aqueles que fazem nosso futebol.

"A precisamente 40 anos no futebol informal e formal, principalmente nos 12 anos acadêmicos, como professor da disciplina de futebol, no Departamento de Educação Física da Unesp de Rio Claro, e com 3 filhos jogadores de futebol (Luciano, Thiago e Daniel) vivenciamos todo um processo de embasamento teórico a partir de uma prática constante. Por isto, estamos defendendo a idéia do conceito para o futebolista de "Cultura de jogo/futebol", isto é, a busca do mais amplo conhecimento de tudo que se relacione com a prática do jogo de futebol, presente no Anexo I. Trata o mesmo de um manual desenvolvido por autores experientes na área da cientificidade do futebol com o intuito de que os jogadores tenham através de seu conhecimento uma provável melhora no seu aspecto cultural, consequentemente influenciado no seu rendimento prático."

Finalizando, a todos aqueles que pretendem realizar um trabalho acadêmico que abordando a temática social do futebol brasileiro, sugerimos que realizem leitura de "Pontapé Inicial" Memória do futebol brasileiro de Waldenyr Caldas (1990). Neste trabalho o autor provoca uma discussão coerente e extraordinária da implantação do futebol no Brasil e sua consequente profissionalização. Marca o autor, gols excepcionais sociologicamente.

Quando você pensa ter finalizado um trabalho de estudo e principalmente de um assunto tão complexo que é o futebol, sente-se um vazio, motivado pelo pouco que acredita-se ter descoberto. *A alegria que permanece em nossa alma é a certeza que neste momento demos tudo que podíamos, nosso caráter momentâneo foi super treinado no contexto da realização pessoal, o gol marcado, foi de uma final de Copa do Mundo, veio em nossa mente a vibração de um Rei Pelé ao marcar um gol ou mesmo a genialidade de fintadores como Garrincha, Dener e tantos outros.* Fica a esperança acadêmica de que outros jogos sejam vencidos na busca da identidade profissional futebolística brasileira.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRUCIO JR, M. Brigando nos Campos do Senhor. **Revista PLACAR**, São Paulo, nº 1106, p. 24-9, 1995.
- AMARAL, R.M. **O treinador de futebol e o mercado de trabalho na cidade do Rio de Janeiro: uma abordagem dialética**. Rio de Janeiro, UFRJ, Centro de Ciências e da Saúde, Escola de Educação Física e Desporto (Dissertação de Mestrado), 1986.
- ATMAN, Campeões de 1958 e Campeões de 1994, **Revista VEJA**, São Paulo, nº 16, p. 43, 1994.
- BYNGTON, C. **Em campo Futebol e Cultura**. 1 ed. São Paulo: Cultura, 1982.
- CALDAS, V. **O pontapé inicial**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1990.
- CHAUL, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- DAMATTA, R. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- EKBLOM, B Applied physiology of soccer. **Sports Medicine**, v. 3, p 50-60, 1986.

- FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 2 ed., Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964.
- FIGUEREDO, M.; KEIN, L. **Legitimidade e coação no Brasil pós-64**. Rio de Janeiro: Forense, 1978.
- FONSECA, O.L.A. **Influência da política clubista no jornalismo de São Paulo**. São Paulo, ECA, USP (Dissertação de Mestrado), 1981.
- **O Cartola e o jornalista, Tese de Doutorado**. São Paulo, ECA, USP (Tese de Doutorado), 1987.
- FREYRE, G. **Novo mundo nos trópicos**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional/EDUSP, 1971, 97p.
- GAMA, W. **Características sociais do jogador de futebol da primeira divisão do Estado de São Paulo**. Rio Claro SP, Escola de E.F., USP (Dissertação de Mestrado), 1990.
- GONÇALVES, E.J. **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOUVEIA, A.J. & HAVIGHURST, R.J. **Ensino médio e desenvolvimento**. São Paulo: Melhoramentos, EDUSP, 1969.
- GUARESCHI, A.P. **Comunicação ao poder**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- **Considerações sobre o conceito de ideologia**. Fac. dos Meios de Comunicação Social, PUC, RS, 1983.
- HUTCHINSON, B. & CASTALDI, C. A hierarquia de prestígio das ocupações. In: HUTCHINSON, Bertram (org.) **Mobilidade e Trabalho: estudo na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro, MEC, INEP, CBPE, p.19-51, 1960.

- IRAN, N.A. Futebol: jogo de triângulo. **Revista Kinesis**, v.2, n. 1, p. 37-46, 1986.
- LEVER, J. **Loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- LEVINE, M.R. **Futebol e cultura**. São Paulo: IMESP/DAESP, 1982.
- LOUZAS, A. Um país redondo? **Jornal da UNESP**, São Paulo. Maio/Jun, 1994, nº 85, p. 8-10.
- LYRA, J.F. **Introdução à psicologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1983.
- MAGUIRRE, A.J. Race and position assegnment in English soccer: a preliminaris analysis on ethnicity and sport in Britain. **Sociology of Sports Journal**, v.5, n 3, p.257-265, 1988.
- MATSUDO V.K.R.; SOARES, J. Avaliação de índices de aptidão física em futebolistas durante uma temporada. Trabalho apresentado no V **Congresso Brasileiro de Medicina Desportiva**. São Paulo, 1979.
- MATSUDO, V.K.R. Efeitos do treinamento nas características de aptidão física de futebolistas adolescentes e adultos. **Anais do VI Congresso de Ciência do Esporte São Caetano do Sul - SP**, 1978.
- Efeitos do treinamento de futebol em P.W. 170 em escolares. Trabalho apresentado no **Congresso Internacional de Medicina**. Buenos Aires, Argentina, 1981.
- McNEISH, S. Career structures an career options in Scottish professional. Abstract, **First World Polytechnic Liverpool**, 1987.

- MESQUITA, C.P. **Comparação entre três métodos de ensino (analítico, todo/parte, global em forma de jogo**. São Paulo, Escola de E.F., USP, (Dissertação de Mestrado), 1981.
- MOREIRA, B.S. A aerodinâmica do futebol. **Artus**, v.18, n.1, p. 19, 1982.
- MOURA, R.M.L. **O negro e o futebol brasileiro**. Rio de Janeiro, Escola de E.F., USP (Dissertação de Mestrado), 1979.
- OLIVEIRA, C.M.C. **Futebol, fenômeno lingüístico**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, (Dissertação de Mestrado), 1974.
- PELLEGRINI, A.M. et alli. O Atleta dos Jogos Abertos do Interior - 1986: origem e representatividade. **Anais do Simpósio Paulista de Educação Física**, Rio Claro, 1987, p. 22.
- RAMOS, R. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.
- REILLY, T. What research tells the coach about Soccer. **American alliance for Health Physical Education, Recreation and Dance**, 1979.
- RIGUEIRA, A.V. **Futebol**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1987.
- ROCHA, S.J. **Qualidades genéticas e especiais do jogador de futebol**. Boletim C.B.D. , v.4, n. 26, p. 36-40, 1987.
- SALGADO, A.F. **Iniciação e Especialização Esportiva no Futebol**. Rio Claro, UNESP, (monografia) Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, 1995.
- SANTOS, J. **Encontros com a civilização brasileira**, v.5, p. 125, 1981.
- SEBE, B.; MEIHY, J.C. **Futebol e Cultura**, Coletânea de Estudos - São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.

- SEMYNOV, M. Occupational mobility through sport - the case of Israeli soccer. **Internacional Review of Sociology**, v. 21, p. 1, 1986.
- SHIRTS, G.M. **Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial e Arquivo do Estado de São Paulo, 1982.
- SOHI, S.A. and YUSSUF, K.B. The socioeconomic status of elite nigerian athlets in perspective of social stratification and mobility. **Internacional Review of Sociology of Sport**, v. 22, n. 4, p. 302, 1987.
- TUBINO, G. **Futebol: o desafio dos anos 90**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- VIANA, S.A.E. **1º Curso de Atualização em futebol**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1987.
- WITTER, J.S. **Futebol e cultural, coletânea de estudos**. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.

ABSTRACT

Sociocultural Aspects of Soccer Player: the case of São Paulo State

This study had as main aim, to investigate social aspects of professional soccer player live of First Division in São Paulo State. We wished clear up aspects to understand better these people who utilizing the soccer by work. The research, of first, it looked for discover who is the soccer player and what consequences to practice it. The dates were collected during five years through 34 questions, with 529 players. They were submitted for descriptive analysis in which it was possible to say: the majority of athletes are white, they are 24 years old, living with their families. Their families are the most important people who influence in their career, with the mother's opinion increased last years. They practice professional soccer more than five years. Started in the basic categories; they practice for pleasure and have a good school level according to Brazilian real situation. They receive about 9,5 minimum salary. This data show had an increase of values from 1989 to 1995. The activities they develop day-by-day are move from their house to the club, matches and practices needing high physical and psychological demands. Thus, the soccer player profession possible social evolution for their workers, showing a large recognition social.

Key words: soccer, social aspects, cultural aspects, soccer player, sociology.



FIGURA 5. Prováveis características do jogador no séc.XXI (Placar, 1996).

O QUE TODO ATLETA NÃO PODE ESQUECER

Para ser um verdadeiro campeão, o jogador tem que pensar permanentemente em vencer. Jamais relaxar, mesmo quando uma partida não tiver importância para o título. O hábito da vitória é que conduz aos títulos os verdadeiros campeões querem vencer até nos treinos.

Estudar não é apenas ir formalmente à escola, é estar atento a evolução de tudo que cerca, principalmente com as coisas que dizem respeito a sua profissão. O homem pleno não se mede pelo discurso mas sim pela sua ação.

Toda estrutura física/técnica é segmentada de normas (direitos e deveres). Profissional é aquele que não tem a necessidade de ser chamada a sua atenção e cumpre com suas obrigações dentro de uma melhor profissionalização possível. Importe, leia, discuta, assine seu contrato de trabalho consciente.

O futebol atual vem exigindo cada vez mais uma participação efetiva do jogador, neste contexto seria importante que o mesmo adquirisse a concepção de que cada dia, cada treino, cada jogo é sua última oportunidade.

Não esquecer que a comunicação se dá pela fala (vocabulário), estética (postura, gestos e vestimentas) e comportamento em público.

As novas tendências tecnológicas, não permitem por muito tempo, que o jogador moderno espere acontecer. Sempre haverá alguém querendo "atropelá-lo". Por isso, deve estar atento as novas conjunturas do mercado futebolístico.

Segundo RIGUEIRA (1987) no livro FUTEBOL, o jogador apresenta e necessita das seguintes habilidades motoras e psicomotoras para a prática do futebol.

HABILIDADES MOTORAS

Capacidade aeróbia
Força explosiva
Velocidade básica
Agilidade
Flexibilidade
Equilíbrio
Resistência muscular localizada

HABILIDADES PSICOMOTORAS

Velocidade de reação
Velocidade de deslocamento
Coordenação
Percepção espaço-temporal
Ritmo
Descontração

De acordo com o posicionamento em campo e em função do sistema tático aplicado pelo técnico, o jogador necessita das seguintes habilidades motoras e psicomotoras:

GOLEIRO: Força explosiva, Agilidade, Flexibilidade, Equilíbrio, Resistência muscular localizada, Velocidade de reação, Velocidade de deslocamento, Coordenação, Percepção espaço-temporal, Ritmo e Descontração diferencial e total.

ZAGUEIROS: Força explosiva, Resistência Muscular Localizada, Agilidade, Flexibilidade, Equilíbrio, Velocidade de deslocamento, Velocidade de Reação, Percepção espaço-temporal.

LATERAIS: Agilidade, Resistência Muscular Localizada, Velocidade de Deslocamento,

MEIO-CAMPISTAS: Resistência Aeróbia, Agilidade, Equilíbrio, Coordenação, ritmo, Percepção espaço-temporal e descontração diferencial.

PONTEIROS: Velocidade Básica, Velocidade de deslocamento, Velocidade de reação, Resistência Muscular Localizada Força explosiva, Agilidade, Equilíbrio, Coordenação Percepção espaço-temporal.

CENTRO-AVANTE: Força explosiva, Resistência muscular localizada, Agilidade, Equilíbrio, Velocidade de reação, Percepção espaço-temporal.

CONCEITOS IMPORTANTES QUE O FUTEBOLISTA DEVE CONHECER:

Potência ou Força explosiva: a força explosiva é uma capacidade física utilizada intensamente pelo atleta nos chute, nos saltos e nas arrancadas com o corpo estando nas mais variadas posições e diferentes localizações do centro de gravidade. Ligada principalmente a mecanismos neuro-motores, pode ser melhorada principalmente com trabalho de sobrecarga como máquinas de musculação, ou outros métodos como a utilização de medicinibol, ou o próprio peso corporal. É conhecida também como explosão muscular. Conforme a física é a relação da força com a velocidade ($P=F \times V$). A combinação ideal de treinamento de velocidade e força geram uma potência ideal para o atleta responder rapidamente e com força na solicitação de movimentos durante a partida.

Agilidade: Capacidade de mudar rápida e efetivamente a direção de um movimento executado em velocidade.

Flexibilidade: Extensão de movimentos em toda a sua extensão, mais do que a própria extensão.

Equilíbrio: Estado particular pelo qual um indivíduo pode, por sua vez, manter uma atividade ou gesto, ficar imóvel ou lançar seu corpo no espaço utilizando a força da gravidade, ou pelo contrário, resistindo a ela.

Resistência: capacidade física ligada a melhora cardio-respiratória, através de trabalho basicamente aeróbio, ligado a exercícios de baixa intensidade e longa duração. Atualmente para este tipo de trabalho tem sido adotado como base o limiar anaeróbico, ou seja, treinamento na máxima intensidade aeróbia, sem permitir a passagem para o metabolismo anaeróbico.

Resistência muscular localizada: Qualidade que permite manter um grupo muscular em ação, pela realização de um determinado movimento, durante um período médio para forte, de intensidade média para forte, com a mesma eficiência.

Velocidade básica (V): pode ser definida como a qualidade particular do músculo e das coordenações neuromusculares que permite a execução de uma sucessão rápida de gestos que, em seu encadeamento constituem uma só e mesma ação de intensidade máxima e de breve ou muito breve duração. Pode ser melhorada, por exemplo, com trabalho de tiros curtos de 15 a 50 metros, com pausas para permitir sempre a integridade metabólica e neural exigida para a eficiência deste trabalho.

Velocidade de reação: Faculdade que tem o sistema nervoso para receber um estímulo e convertê-lo em uma ordem motora, ou o tempo mínimo para dar uma resposta motora a um estímulo sensitivo. Não é desenvolvida, e sim ajustada.

Velocidade de deslocamento: Faculdade que o jogador possui para deslocar-se no menor tempo possível e é um tipo de velocidade altamente influenciado por outros fatores e pela técnica utilizada na corrida.

Coordenação psicomotora: É a capacidade que dá ao indivíduo a possibilidade de contrair grupos musculares diferentes, de forma independente, assim como inibir movimentos parasitos.

Percepção espaço-temporal: Idéia do tempo e da distância que se tem de percorrer em dado momento, ou ainda saber quando e como a bola chegará.

Ritmo: Capacidade psicomotora que está aliada à velocidade de deslocamento, de reação, noção espaço-temporal, equilíbrio e coordenação.

Descontração diferencial: Habilidade que permite a descontração de grupos musculares que não serão necessários à execução de um ato motor específico.

Descontração Total: Habilidade que capacita o atleta recuperar-se de esforços físicos realizados.

Alongamento: É uma extensão do músculo além de seu comprimento em repouso.

Alongamento dinâmico: Técnica para aumentar a flexibilidade em que se usa balanceamento e oscilações das partes envolvidas.

Alongamento estático: Técnica para aumentar a flexibilidade ao manter uma posição com o músculo desejado na sua maior extensão possível.

Periodização do treinamento: É a divisão planejada do treinamento em períodos que possuem conteúdos específicos, durante um certo tempo. Os períodos têm durações variadas e são relacionados entre si.

Lactato: produto metabólico de atividade realizada em grande intensidade e longa duração. O lactato em grandes quantidades no organismo causa fadiga muscular localizada e fadiga neurológica, causando diminuição na performance tanto no deslocamento, quanto nas ações com a bola. O lactato pode ser reutilizado pelo organismo como substrato energético, este mecanismo é acelerado quando após a atividade intensa ocorre recuperação ativa, diminuindo assim o tempo de recuperação total do jogador, tornando-o pronto para outro jogo em períodos bem menores de tempo.

Recuperação ativa: atividade realizada em intensidade submáxima com o intuito de aumentar a reutilização de lactato, diminuindo o tempo de recuperação do jogador. É aconselhável após atividades intensas de longa duração, como os jogos com bola.

Orientação nutricional: nos últimos anos, a nutrição tem sido alvo de crescente interesse por parte de atletas praticantes de atividade física, cada vez mais conscientes dos benefícios que uma alimentação adequada pode trazer quando associada ao treinamento esportivo. Cuidando devidamente de sua alimentação, o atleta conseguirá não só manter a sua saúde, mas também preservar sua composição corporal (músculo, ossos, e gordura), favorecer o funcionamento das vias metabólicas associadas à atividade física, permitir o armazenamento de energia (glicogênio muscular) retardando a fadiga pelo aumento da resistência ao exercício, contribuir para o incremento da massa muscular (hipertrofia) e auxiliar na recuperação de lesões ou traumas eventualmente provocados pelo exercício.

A alimentação é, portanto, de fundamental importância para um bom desempenho em qualquer modalidade esportiva. Para isso deve ser balanceada e completa, fornecendo todos os nutrientes necessários ao organismo para que ele realize suas funções de crescimento, reparo, e manutenção dos tecidos e, além disso, produza energia. As necessidades nutricionais, porém, são diferentes de alguns fatores como idade, sexo, peso, altura, patologias e o tipo de atividade física realizada.

Na elaboração de uma dieta para o desportista deve-se levar em consideração todos esses aspectos e, principalmente, as suas necessidades em termos de energia para que possa suportar o esforço físico. A maioria de nossas equipes de futebol profissional já possuem um especialista. Tire proveito disto; se intere de tudo que diz respeito à alimentação. Poderá ser uma das chaves do teu sucesso.

Preparação Física Geral: Processo pelo qual se desenvolve as capacidades motoras de uma maneira mais equilibrada, independente do esporte ou atividade física praticada. Na preparação física geral se amplia a base e as condições para desenvolvimento das capacidades motoras específicas das modalidades praticadas. Deve ser observado o princípio pedagógico da multilateralidade, para desenvolver o que é popularmente conhecido como "base".

Preparação Física Específica: Processo de treinamento pelo qual se desenvolve as capacidades motoras específicas do Esporte ou atividade física praticada. Em última instância, a preparação física específica é a responsável pelo rendimento. Na preparação física específica se utiliza exercícios que contenham a estrutura ou parte da estrutura dos movimentos do Esporte ou atividade praticada, bem como sua execução deve ser bem próxima à execução real.

Psicologia: A ciência do comportamento humano e animal. Ela pertence às chamadas ciências do comportamento, junto com a Sociologia, a Antropologia, a Economia. A Psicologia, tenta descobrir porque as pessoas fazem as coisas que fazem; compreender a capacidade humana de adaptação ao seu meio; a natureza da inteligência do homem, as causas originais de seus conflitos internos, o seu comportamento como animal social.

Psicologia do Esporte: Campo de conhecimento que tenta compreender a experiência e o comportamento humano no contexto do Esporte, como descrever e se possível medir o comportamento com respeito a consciência e variabilidade, para determinar suas condições e prever desenvolvimentos futuros o mais precisamente possível. A ênfase na literatura e pesquisa da Psicologia do Esporte está na área da aprendizagem e desenvolvimento; motivação; personalidade; ansiedade. Tema centrais são prática mental; aprendizagem motora; desenvolvimento motor; estresse; motivação; agressão no Esporte; personalidade; estrutura grupal; atitudes e interesses.

Psicologia do Esporte Prática: É a aplicação de técnicas comportamentais e cognitivas para ajudar os participantes no Esporte se tornarem mais efetivos na realização de seus objetivos.

Treinamento: É a repetição sistemática de tensões musculares dirigidas, com fenômenos de adaptação funcional e morfológica, visando a melhora do rendimento. É todo programa pedagógico de exercício que objetiva melhorar as capacidades energéticas de um indivíduo para uma determinada atividade, ou seja, uma adaptação do organismo aos esforços físicos e psíquicos. As adaptações que ocorrem são específicas do sistema solicitado. O treinamento é determinado pela condição técnica, tática, pela motivação e pelas características psíquicas do praticante. Se o treinamento e sua verificação pretende obedecer a critérios científicos, é absolutamente necessário ter plano de treinamento por escrito, além de objetivos operacionalizados e verificação padronizada do rendimento (especialmente testes). É comum usar o termo treinamento apenas para significar treinamento esportivo, contudo há outros tipos de treinamento. Por causa do aumento das doenças hipocinéticas, o significado de treinamento vai além dos limites do Esporte. Ele serve para manutenção, melhora ou recuperação da capacidade de rendimento e da saúde (treinamento preventivo e/ou de reabilitação).

Treinamento Físico: Tipo de treinamento cujo o objetivo principal é desenvolver as capacidades motoras (condicionais e coordenativas) dos executantes, necessárias para obter rendimento elevados, que se faz através dos exercícios corporais.

Princípios Biológicos do Treinamento Físico:

Sobrecarga: Estipula que as mudanças funcionais do corpo ocorrem somente quando a carga é suficiente para causar uma ativação considerável de energia e mudança plástica nas células relacionadas à síntese de novos tecidos (supercompensação).

Especificidade: É baseado no fato de que as maiores mudanças funcionais e morfológicas durante o treinamento, aconteceram somente nos órgãos, células e estruturas intracelulares que são responsáveis pelo movimento. Este princípio também é chamado de "Lei da Qualidade de Treinamento".

Reversibilidade: Assegura que as mudanças corporais conseguidas pelo treinamento físico são de natureza transitória as mudanças funcionais e morfológicas adquiridas pelo treinamento físico retornam aos estados iniciais após a paralização do treinamento.

Técnico: Também chamado Treinador. É a pessoa que dirige o atleta ou a equipe esportiva numa competição ou jogo, oferecendo conselhos táticos, motivação e principalmente direções (programação, execução, avaliação). No treinamento, além das habilidades necessárias que todo educador deve ter, o técnico deve ainda ter conhecimento técnico específico na sua especialidade e acima de tudo experiência prática na execução de suas tarefas.

Preparador Físico: Denominação dada à pessoa encarregada de preparar fisicamente um atleta ou uma equipe. Sua principal função é o emprego sistemático de exercícios para desenvolver as capacidades motoras gerais e específicas do Esporte ou modalidade praticada.

Técnica: Ato de executar determinado movimento ou gesto no menor tempo e qualidade possível.

Sistema: É o dispositivo de colocação dos jogadores em campo de tal forma que atenda aos problemas de estruturação da equipe e permita amplas possibilidades para variações táticas (estratégias).

FUNDAMENTOS DO JOGO DE FUTEBOL

É a relação pessoal do jogador com a bola, podemos afirmar também que é a técnica de cada um.

A execução de uma habilidade (fundamento técnico) por um jogador contém sua vontade (ato volitivo); sua intenção (ato psíquico), isto relacionado com sua determinação inteligente perfeitamente interpretada e decodificada pelos assistentes e observadores.

1. **passe:** ato volitivo, com intenção deliberada de transferir a bola a outrem, pela utilização de qualquer parte do corpo permitida pela regra - inclusive com a cabeça. Tipos de passes mais utilizados - condução, dorso do pé, face interna do pé, face externa do pé, bico do pé, calcanhar e voleios, etc.

2. **domínio:** ato volitivo, com a finalidade de submeter a bola ao domínio do jogador, realizável por qualquer parte do corpo, desde que permitida pelas regras. Exemplos de domínio - peito, cabeça, coxa, pé e outros, etc.

3. **drible:** ato volitivo de mover-se no terreno de jogo, conduzindo a bola, predominantemente realizado com o pé, salvo raríssimas exceções. Esta definição respeita o verdadeiro significado da palavra inglesa "dribling" que não é enganar, lubridiar o adversário, como está consagrado no brasileiro. Tipos de drible - bola perto do jogador e bola mais longe do jogador, etc.

4. **finta:** ato volitivo no sentido de ultrapassar o oponente, engando-o, lubridiando-o com a bola sob seu controle direto ou não. Tipos de finta - curta, longa, com e sem bola.: As

fitnas, muitas vezes fazem parte da ação conjunta na tática individual, parcial ou coletiva, etc.

5. chute: ato volitivo, com determinação evidente de consignar o gol, com qualquer parte do corpo exceto as impedidas pelas regras de futebol. Tipos de chutes - peito do pé, lado interno do pé, lado externo do pé, condução, bico do pé, calcanhar, voleios, etc.

6. desarme: ato volitivo de retirar a bola do adversário requer combatividade e determinação, essencial ao futebol moderno. Tipos de desarmes - com o pé, como o peito, com a cabeça, de carrinho com os pés, etc.

7. proteção de bola: ato volitivo, destinado a evitar que o adversário recupere a bola. De muita aplicação e utilidade no futebol moderno em face do rigor da marcação pessoal. Saber usar o corpo na proteção da bola é resultado de ensinamento e treinos.

8. defesa do goleiro: não se enquadra em nenhum outro fundamento anterior. É ato volitivo, autônomo, com intenção deliberada e consciente de evitar a consecução de um gol, logo, não é reflexivo.

TÁTICA FUTEBOLÍSTICA

"É a forma pela qual são executados os elementos estratégicos previamente elaborados"

A elaboração da parte tática depende de muitos fatores que o treinador (técnico) terá que levar em consideração: características individuais dos atletas, o potencial técnico do atleta, a condição tática do atleta, o conjunto (sistema) da equipe, regras do jogo, tempo e temperatura, dimensões do gramado, estado do gramado, conjunto da equipe adversária, seus setores, suas jogadas pré-fabricadas, potencial físico-técnico, etc. São fatores que serão considerados pelo treinador para a elaboração do plano tático a ser executado dentro de uma partida de futebol.

A Tática poderá ser bipartida: individual e coletiva

Tática individual: é aquela relacionada a um atleta, de conformidade com suas funções estratégicas no desempenho do jogo.

Tática coletiva: global, relacionada com o todo da equipe. É a estratégia que será usada no jogo e dependerá do conjunto.

setorial, como o próprio nome indica, é relacionada com os setores da equipe (defesa, ataque, meio, lado esquerdo e direito da defesa, etc.).

Tática defensiva: estratégia aplicada pelo setor defensivo, normalmente confeccionada, em decorrência das virtudes da equipe adversária.

Tática ofensiva: estratégia aplicada pelo setor ofensivo. Via de regra todos os jogadores estão envolvidos quando da busca do gol.

Na elaboração de uma sistematização tática de jogo, o treinador tem que ter em mente as características individuais dos seus atletas.

Relação entre tática e técnica: tem que haver uma simbiose perfeita neste aspecto. Caracteriza nesta função o respeito a individualidade.

Relação entre tática e parte física: consoante ao condicionamento físico global e individual da equipe.

Relação entre a tática e circunstâncias exteriores: mando do jogo e as dimensões do gramado.

Relação entre tática e condições climáticas: o sol, vento, chuva e temperatura são condições que deverão ser consideradas para a elaboração de uma planificação tática de jogo.

Relação entre tática e regras do jogo: o próprio objetivo desta relação está vinculada as situações reais, acontecidas no plano de jogo.

VELOCIDADE DE JOGO: É importante em qualquer situação de jogo

1) Velocidade com a bola - estando livre de marcação, dar velocidade ao jogo com condução de bola com passadas rápidas.

2) Velocidade da bola - estando marcado, dar velocidade a bola com passes rápidos.

3) Velocidade da bola através de lançamentos - o jogador a receber a bola deve estar com marcação única e em condições de jogo.

MARCAÇÃO: De uma forma conjunta é a disposição tática, física e psicológica que uma equipe adota dentro do campo com o objetivo de retomar a posse de bola. Existem vários tipos de marcações.

O conceito fundamental, individual de marcação é o posicionamento do jogador em relação ao seu oponente, ou seja, estar sempre entre o adversário e o seu gol.

1) Pressão campo todo - é feita no campo todo, não permitindo espaço ao adversário. Deve ser usada em início de partidas, em momentos de resultado negativo e contra equipes de capacidade técnica inferior. Qualificada de marcação 1.

2) Meia pressão - é feita na faixa que compreende a intermediária do adversário e a nossa intermediária. Deve ser usada contra equipes que possuam forte trabalho de meio campo e tenham toques curtos como arma principal. Qualificada de marcação 2.

3) Campo de defesa - é feita dentro do próprio campo de defesa. Deve ser usada contra times de ótima técnica, muito superior e que tenham como armas principais os lançamentos e a velocidade de pontas. Qualificada de marcação 3.

OBSERVAÇÕES QUANTO A MARCAÇÃO

1) É preciso que o erro seja corrigido antes que o adversário o explore. Isto chama-se marcação profilática, ela é feita com a boca pelo companheiro. Equipe que não se comunica perde muito.

2) Não existe bom ataque sem a participação da defesa e não existe boa defesa sem a participação do ataque.

3) Jogador adversário que recebe a bola de costas para o gol não pode virar-se de frente.

4) No jogo só existe uma bola, em determinadas situações, ao perdê-la persiga-a até recuperá-la.

5) Corrida em trote durante o jogo é o segredo para o posicionamento correto no ataque e na defesa.

6) Quando contra-atacado, retarde a linha de marcação.

7) Diminuir a velocidade do atacante, principal objetivo do defensor.

8) É mais fácil acertar a marcação com a bola parada do que ela em jogo. Assim, é necessária a máxima atenção nos escanteios defensivos, laterais e faltas.

9) Marcar com a boca e com os olhos é muito fácil, o importante é ter consciência e participação ativa na marcação.

COMPACTAÇÃO DA EQUIPE é extremamente importante para diversas situações no transcorrer de uma partida de futebol. Ela favorece as saídas rápidas para o ataque, as diferentes marcações e evita os espaços entre os setores da equipe. Mantém a unidade do time.

1) Nossa equipe no ataque - todos os setores, defesa, meio campo e ataque deverão se adiantar na mesma proporção, mantendo os espaços entre si constantes o tempo todo.

2) Nossa equipe na defesa - todos os setores, ataque, meio campo e defesa deverão recuar na mesma proporção, mantendo os espaços entre si constantes o tempo todo.

OBSERVAÇÃO QUANTO A COMPACTAÇÃO DO TIME

1) Tiro de meta do adversário - ponta do lado contrário a batida, divide o espaço entre o lateral e o beque do referido lado.

2) Bola na lateral do campo com adversário - ponta do lado contrário a jogada fecha e marca zagueiro de área.

3) Cobrança de lateral pelo adversário - ponta do lado da cobrança fica em frente ao batedor, dificultando sua visão e o retorno da bola para o mesmo. Ponta do lado contrário fecha e vai marcar zagueiro, os demais jogadores devem marcar os adversários homem a homem. O lateral tem que ser nosso, o time adversário tem menos 1 no campo que é o cobrador.

4) Se atacarmos com sete jogadores em cada ação de ataque dificilmente deixaremos de fazer o gol.

5) Se defendermos com pelos menos sete jogadores em cada ação ofensiva do adversário, dificilmente levaremos o gol.

6) Não adianta compactar a equipe caso todos não estejam empenhados na "pegada".

OBSERVAÇÃO VISUAL: É o que caracteriza o craque, o jogador fora de série. Neles, esta capacidade é muito desenvolvida ou seja, eles estão observando o campo todo em todos os momentos e sabem em que posição ou posições encontram-se os adversários e companheiros de equipe. ao receber a bola estes jogadores só precisam de uma fração de segundo para confirmar a observação visual anterior e fazerem a jogada, dando a impressão que jogam sem olhar.

1) Observação visual 1 - é a observação que o jogador faz durante o jogo todo antes de receber a bola. Ele não olha só para quem possui a bola e sim para todos os outros jogadores em campo e para todos os espaços do campo.

2) Observação visual 2 - é a observação que o jogador faz simultaneamente ao recebimento da bola. É a confirmação da observação 1, sendo de muita velocidade facilitando a execução da jogada sem perda de tempo.

MOVIMENTAÇÃO: A movimentação constante e sincronizada é a forma mais eficaz de anulação de um sistema defensivo, como também a maneira mais correta na utilização de um sistema ofensivo. No futebol qualquer sistema estático está condenado ao fracasso.

1) Movimentação 1 - é o deslocamento que o jogador utiliza antes de receber a bola com o objetivo de tirar o equilíbrio do adversário.

2) Movimentação 2 - é o deslocamento que o jogador utiliza para ir ao encontro da bola passada.

3) Movimentação 3 - é o deslocamento que o jogador utiliza para rebotes e aproximações de jogadas duvidosas, por ele pressentidas.

OBSERVAÇÃO QUANTO A MOVIMENTAÇÃO

1) Triangulações pelas pontas, arma contra time retrancado.

2) Alternância de ritmo da movimentação é o segredo de quem sabe o que faz com a bola.

3) O tempo certo da movimentação evita passes errados, impedimentos e bolas em espaços vazios sem jogadores da nossa equipe.

ATESTADO

ATESTO, para os devidos fins, que o Sr. WALTER GAMA defendeu a TESE DE DOUTORADO intitulada "ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO FUTEOLISTA - o caso do Estado de São Paulo", realizada no dia 25 de abril de 1996, tendo sido aprovado com _____ a _____ Média Final
9,0 (Nove Inteiros)

Fizeram parte da Banca Julgadora os Professores Doutores:

WALDENYR CALDAS - ECA/CCA

DILMA DE MELO SILVA - ECA/CCA

VERA LÚCIA SIMÕES DA SILVA - UNESP

TUPÃ GOMES CORRÊA - ECA/CRP

AFONSO ANTONIO MACHADO - UNESP

São Paulo, 25 de abril de 1996.



Nelson Rodrigues Moreira
Chefe do Serviço de Pós-Graduação
ECA/USP



UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

pag. 1

HISTORICO ESCOLAR DE POS-GRADUACAO: DOUTORADO

No USP :5514488

UNIDADE: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES

NOME: WALTER GAMA

LOCAL DE NASCIMENTO: Estado de Sao Paulo

DATA DE NASCIMENTO : 16/08/1946 CEDULA DE IDENTIDADE:RG. 5.100.678 SP

NACIONALIDADE: Brasileira

GRADUACAO: Licenciado em Educacao Fisica - Escola de Educacao Fisica de
Sao Carlos - Sao Paulo - 1972

MESTRADO : Mestre em Educacao Fisica - Escola de Educacao Fisica -
Universidade de Sao Paulo - 1990

GRAU: Doutor em Ciencias

AREA: Comunicacao

DATA DA MATRICULA: 06/12/1991

ORIENTADOR: Prof. Dr. Waldenyr Caldas

PROFICIENCIA EM LINGUA ESTRANGEIRA: Ingles Espanhol

EXAME DE QUALIFICACAO: 19/08/1994 NIVEL: A

DEFESA DA TESE: 25/04/1996 MENCAO: -----

NOTAS DA DEFESA: 9.0 9.0 9.0 9.0 9.0

TITULO DA TESE: "Aspectos Socioculturais do Futebolista - o caso
do Estado de Sao Paulo"

Sao Paulo, 29/05/1996


DIRETOR DA UNIDADE

Prof. Dr. Eduardo Penuela Canizal
Diretor


PRESIDENTE DA COMISSAO DE POS
GRADUACAO

Tupã Gomes Corrêa
Presidente da Comissão
de Pós-Graduação



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

pag. 2

HISTORICO ESCOLAR DE POS-GRADUACAO: DOUTORADO

No USP :5514488

UNIDADE: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES

AREA: Comunicacao

NOME: WALTER GAMA

CODIGO	DISCIPLINA OU OUTRA ATIVIDADE PROGRAMADA	FREQ	CRED	NIVEL
*****	PRIMEIRO SEMESTRE DE 1991			
CRP735	A Comunicacao Social como Instrumento do Poder*	76	9	A
*****	PRIMEIRO SEMESTRE DE 1992			
CCA816	Comunicacao e Cultura: o popular e o alternativo	90	9	B
	Atividades Programadas	----	12	-
*****	SEGUNDO SEMESTRE DE 1992			
CJE822	Marketing aplicado a comunicacao	63	9	A
CCA868	Arte e Psicologia: uma articulacao possivel	----	0	E
	Atividades Programadas	----	6	-
*****	PRIMEIRO SEMESTRE DE 1993			
	Atividades Programadas	----	9	-
*****	SEGUNDO SEMESTRE DE 1993			
	Atividades Programadas	----	15	-
Tese - Creditos Atribuidos			100	



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

pag. 3

HISTORICO ESCOLAR DE POS-GRADUACAO: DOUTORADO

No USP :5514488

UNIDADE:ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES

AREA: Comunicacao

NOME: WALTER GAMA

OBSERVACAO: *Disciplina cursada isoladamente e aceita pelo orientador do candidato

Convencoes:A=Excelente, B=Bom, C=Regular, D=Insuficiente, E=Reprovado, I=Incompleto, J=Abandono Justificado, T=Transferencia.

NOTA - A, B, C, com direito a credito. 1 Credito=12horas de atividades.